

SANTO MONTELLO



2015



**ANOS**



**HERÓIS SEMPRE  
LEMBRADOS**

**FEB**  
FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA  
**FEB**



**EXÉRCITO BRASILEIRO**  
sempre presente - Propriedade para o Brasil



**José Ribamar de Montello Furtado**  
(SANTO MONTELLO)

# **CONTINÊNCIA À MORTE**

---

EDIÇÃO COMEMORATIVA dos 70 ANOS do DIA da VITÓRIA

**Organizadores:**

Ana Paula de Ribamar Furtado Araújo Neves  
Afrânio Franco de Oliveira Mello  
Jefferson Biajone

1° Edição

---

**Itapetininga/SP**

Gráfica Regional

**2015**

# Realização:



MANTENDO ACESO O CACHIMBO DA VITÓRIA!

FURTADO, José Ribamar de Montello, 1901 - 1983

**Continência à Morte:**

**Edição Comemorativa dos 70 anos do Dia da Vitória**

Itapetininga (SP), Gráfica Regional / 2015

**Organizadores:**

Ana Paula de Ribamar Furtado Araújo Neves

Afrânio Franco de Oliveira Mello

Jefferson Biajone

ISBN 978-85-65703-08-6

Índice:

1. Itapetininga (SP) - História; 2. Itapetininga (SP) - História Militar; 3. Segunda Guerra Mundial; 4. Força Expedicionária Brasileira; 5. Exército Brasileiro; 6. Biografia.



ESTE LIVRO

## NOTA DE AGRADECIMENTO

A Família do 1° Tenente José Ribamar de Montello Furtado, responsável pela publicação de **Continência à Morte**: Edição Comemorativa dos 70 anos do Dia da Vitória (Regional, 2015) agradece aos seus organizadores, Ana Paula de Ribamar Furtado Araújo Neves, Afrânio Franco de Oliveira Mello e Jefferson Biajone, bem como a todos os prefaciadores convidados, o 2° Tenente Edomar Wiedtheuper (Exército Brasileiro), o jornalista Helio Rubens de Arruda e Miranda (Instituto Histórico Geográfico e Genealógico de Itapetininga), o Padre Mário Donato Sampaio (Academia Itapetiningana de Letras), o jornalista Edmundo José Vasques Nogueira (Portal dos Ex-Combatentes de Itapetininga) e o historiador e entusiasta da Segunda Guerra Mundial Dérek Destito Vertino (Portal FEB).

Os agradecimentos da Família do 1° Tenente José Ribamar de Montello Furtado são também extensivos ao Exército Brasileiro, em especial às pessoas do Major Inf Jadilson Tadeu da Silva dos Santos da 14° Circunscrição de Serviço Militar (14° CSM) em Sorocaba, do Capitão Ref PTTC José Antônio Maciel Barros da Diretoria de Civis, Inativos, Pensionistas e Assistência Social (DCIPAS) em Brasília, do 2° Tenente QAO Edomar Wiedtheuper da Secretária Geral do Exército Brasileiro (SGEx) em Brasília, do 1° Tenente QAO Marco Aurélio Roda da 15° Delegacia de Serviço Militar (15° Del da 14° CSM) em Itapetininga, do 1° Sargento Eng Sergio Walber Fontoura Cordeiro e do 1° Sargento Inf Cláudio Bento Garcia, ambos do Tiro de Guerra da 2° Região Militar (TG 02-076) em Itapetininga, por todo apoio que prestaram nas pesquisas que necessárias se fizeram para a publicação dessa edição comemorativa, em particular no resgate de documentos para reconstituição histórica da carreira militar de seu autor.

Outrossim, acreditamos que a finalidade da publicação de **Continência à Morte**: Edição Comemorativa dos 70 anos do Dia da Vitória (Regional, 2015) foi atingida, porquanto suas páginas continuam tão atuais quanto o foram na sua primeira edição em 1951.

De fato, tanto naquelas quanto nestas páginas, nas quais reverberam atos de bravura, desprendimento e heroísmo, pode seu leitor, de ontem e de hoje, depreender com entusiasmo, patriotismo e emoção que Itapetininga nunca soube poupar os melhores de seus filhos para os sacrifícios que a luta pela Liberdade e pela Democracia sempre dela exigiu dentro e fora de nosso país. Assim o foi na Guerra do Paraguai (1864-1870), na Revolta da Armada (1893-1894), na Revolução Federalista (1893-1895), na Revolução Paulista de 1924, na Revolução de 1930, na Revolução Constitucionalista de 1932 e na Segunda Grande Guerra Mundial (1939-1945).

Que o testemunho em versos de nosso 1° Tenente José Ribamar de Montello Furtado seja mais um atestado incontestado de que um filho teu não foge à luta e nem teme quem adora a própria morte! brado retumbante este que não só ecoa nos céus de nossa Pátria pela letra de nosso Hino Nacional, mas que desejamos que ecoe também no coração de todos os brasileiros nas merecidas comemorações destes setenta anos do **Dia da Vitória!**

**Família de José Ribamar de Montello Furtado**  
Itapetininga/SP, 8 de maio de 2015.



**Em frente para a Vitória!**

## Dedicatória



AOS VALOROSOS SOLDADOS  
DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA,  
que escreveram na Itália, mais um capítulo de  
glória para a nossa História Militar Terrestre e  
elevaram entre povos de outras terras, mais  
um marco de honra para o Brasil.

# Sumário

---

## **Apresentação**

José Ribamar de Montello Furtado (Santo Montello) ..... 12

## **Nota de Introdução à Edição Comemorativa**

dos 70 Anos do Dia da Vitória ..... 13

## **Prefaciadores Convidados**

Ana Paula de Ribamar Furtado Araújo Neves ..... 19

Edomar Wiedtheuper ..... 21

Afrânio Franco de Oliveira Mello ..... 23

Helio Rubens de Arruda e Miranda ..... 27

Mário Donato Sampaio ..... 30

Edmundo José Vasques Nogueira ..... 33

Derek Destito Vertino ..... 35

## **Pracinhas Itapetininganos falecidos em combate**

Soldado Joaquim Antonio de Oliveira ..... 36

Soldado Sebastião Garcia ..... 37

## **Primeira Parte**

I ..... 39

II ..... 45

III ..... 49

IV ..... 53

V ..... 57

VI ..... 61

VII ..... 65

VIII ..... 69

IX ..... 73

X ..... 77

XI ..... 81

XII ..... 85

XIII ..... 91

XIV ..... 95

## Segunda Parte

I .....	99
II .....	103
III .....	107
IV .....	111
V .....	117
VI .....	122
VII .....	126

## Terceira Parte

I .....	130
II .....	140
III .....	144

### **Santo Montello**

Um esboço biográfico .....	148
----------------------------	-----

### **À Memória**

1º Tenente José Ribamar de Monteiro Furtado .....	156
---	-----

<b>Comemorações dos 70 anos do Dia da Vitória</b> .....	158
---	-----

<b>Referências Bibliográficas</b> .....	160
---	-----



**EM FRENTE PARA A VITÓRIA!**

# Apresentação

Caro leitor:

Este é um livro de versos bem diferente dos demais que você já leu.

Não foi moldado dentro das normas de metrificação conhecidas.

Não é parnasiano.

Não é também futurista.

Não tem mesmo pretensão alguma.

É um livro sentido e ideado dentro das trincheiras da guerra e escrito dentro das trincheiras da vida. Nestes versos não encontrará o que procura – beleza e arte. Falta-lhes mesmo a rima que dá esplendor e harmonia ao verso, mas encontrará na sua forma estúpida e violenta, a grandeza brutal da morte estraçalhando a vida.

Este é o meu livro.

É o livro de um soldado para outros soldados.

É a gratidão de um brasileiro a outros brasileiros. Àqueles que lutaram pela minha pátria. Àqueles que morreram e jazem sob a terra e àqueles que voltaram e jazem sob a vida.

Recebe este livro, caro leitor, não como uma obra com pretensões literárias, mas como um tiro de canhão que arrebantasse em versos.

**Santo Montello**

8 de maio de 1951

## **Nota de Introdução à Continência à Morte:** Edição Comemorativa dos 70 anos do Dia da Vitória

Jefferson Biajone (\*)

**Continência à Morte!** Um título poderoso, expressivo, convidativo às maiores e profundas reflexões.

Foi assim, sob tais impressões, que em meados de julho de 2011, eu organizava o conteúdo hipertextual relativo à participação do 1º Tenente José Ribamar de Montello Furtado, ex-combatente da **Força Expedicionária Brasileira** (FEB) e oficial reformado do Exército Brasileiro, em uma das páginas do então recém criado Portal dos Ex-Combatentes de Itapetininga/SP, no endereço <https://tinyurl.com/mr28k6uj>.

De fato, foi no curso do levantamento de seus dados escritos no verso de sua fotografia da Galeria de Ex-Combatentes da FEB existente no Tiro de Guerra de nossa cidade (TG 02-076) que li, pela primeira vez, o título da obra que publicou em 1951, qual foi, **Continência à Morte!**

Recordo-me que este título me impressionou o bastante para que eu não mais o esquecesse nos anos seguintes.

De fato, três anos depois, quando da reinauguração do Monumento aos Pracinhas de Itapetininga, a 19 de julho de 2014, na sede do Tiro de Guerra, recordei-me do livro e indaguei ao amigo Afrânio Franco de Oliveira Mello se era do conhecimento dele a existência e o paradeiro de tal obra.

Para minha grata surpresa, Afrânio não só reconheceu a obra de imediato, como declarou ter sido amigo de José Ribamar de Montello Furtado e de sua família há anos, tendo deles recebido de presente um exemplar de **Continência à Morte!** para o acervo de sua biblioteca.

Outrossim, meses depois naquele mesmo ano de 2014, mais precisamente a 12 de novembro, Afrânio, Edmundo José Vasques Nogueira e eu lançamos pela Gráfica Regional nova edição do clássico **Heroísmo Desconhecido** de Edmundo Prestes Nogueira, esta comemorativa dos 90 anos da Revolução de 1924. A noite de autógrafos deste livro ocorreu na Câmara Municipal de Itapetininga tendo sido coroada por discursos e homenagens realizadas por autoridades e familiares ao seu saudoso autor falecido em 1994.

Quando dessa solenidade, imaginei que poderíamos fazer publicar uma edição comemorativa também de **Continência à Morte!** A justificativa, muito providencial,

colocava essa nova edição em uma situação toda favorável para a sua publicação: em 2015, o Dia da Vitória das Forças Aliadas na Segunda Guerra Mundial, comemorado desde 8 de maio de 1945 ao redor do mundo, completaria setenta anos.

E foram nessas circunstâncias muito fortuitas que concebida foi a ideia de trazer a lume para as gerações presentes e futuras do século XXI a obra poética de **Continência à Morte!**

E com ela o testemunho em versos de José Ribamar de Montello Furtado, um cidadão brasileiro, itapetiningano não de nascimento, mas de coração, que de fio a pavio participe foi do maior conflito armado do século anterior, a Segunda Grande Guerra Mundial.

E na leitura de seus versos, prenes de idealismo, realismo e reflexão, percebe-se emergir o soldado patriota que não hesitou em tomar das armas e defender a Liberdade e a Democracia ameaçadas por regimes totalitários.

Foram esses mesmos ideais que nortearam trinta e três outros itapetininganos, que como José Ribamar, voluntariamente ingressaram na FEB para o desconhecido de toda uma odisseia de sacrifícios que o conflito armado em escala mundial haveria de lhes impor, fosse pela presença constante da morte nos combates, fosse a crescente incerteza se estariam vivos ou não nas horas seguintes.

De fato, esses 34 itapetininganos, cujas fotos desde 1995 ilustram galeria de honra existente na sala de instrução do Tiro de Guerra 02-076 e, desde 2011, também na página <https://tinyurl.com/47t8b4wt> do Portal dos Ex-Combatentes de Itapetininga, foram, na sua maioria, jovens ao redor dos dezoito a vinte anos e que integraram as diversas unidades combatentes da FEB em 1944.

Foram eles: Amasilio Paulo de Campos, Aniceto Vieira Branco, Antonio Leonel de Medeiros, Argemiro de Toledo Filho, Benedito Aires de Campos, Benedito Bento Mariano, Benedito Morelli, Benedito Nunes da Costa, Davino da Costa Calhares, Domingos Barreira Sobrinho, Francisco Mathias de Campos, Guiomar da Costa Pinto, Higino Mendes de Andrade, Honorio Negrisoni, Itaboraí Marcondes Machado, João Domingues de Oliveira, João Luizon, Joaquim Antonio de Oliveira, Joaquim Arcanjo de Carvalho, José da Silva Reis, José Ribamar de Montello Furtado, José Rolim de Oliveira, Leandro Paulino da Cruz, Luiz Braitt, Luiz Folegatti, Manoel Evaristo de Moura, Mario de Souza, Miguel França, Nelson Barreiros, Nelson Medeiros, Pedro Gomes de Oliveira, Reinaldo Rolim, Sebastião Garcia e Victório Nalesso.

Todos esses trinta e quatro itapetininganos, em sua maioria prestando o Serviço Militar Inicial Obrigatório no 5º Batalhão de Caçadores, unidade sediada em prédio onde atualmente se encontra a 2ª Diretoria Regional do Departamento de Estradas de Rodagem (DER), saídos foram de Itapetininga para os escalões de embarque que suas unidades integrantes da FEB tomaram com destino à Itália, entre os meses de julho a setembro de 1944, nos navios General Mann e General Meigs.

De fato, incorporados à FEB, grande unidade divisionária forte em 25.334 homens que nos meses de embarque cruzaram um oceano de dúvidas e incertezas em duas semanas que antecederiam sete meses e dezenove dias de campanha de guerra total contra o jugo nazifascista naquele país.

Uma campanha que inscreveu nos Anais da História Militar mundial o nome do Brasil em fortes matizes de abnegação, luta, sacrifício, desprendimento, coragem, bravura e heroísmo revelados em combates que nossos pracinhas empreenderam na libertação de Massarosa, Camaiore, Monte Prano, Monte Acuto, San Quirico d'Orcia, Gallicano, Barga, Monte Castello, La Serra, Castelnuovo, Soprassasso, Montese, Paravento, Zocca, Marano Sul Panaro, Collecchio e Forno di Taro.

Combates esses em que tomaram em ação quatrocentos e cinquenta e quatro integrantes da FEB e cinco pilotos da Força Aérea Brasileira, além de duas mil mortes resultantes de ferimentos em combate, e de mais de doze mil baixas originadas por mutilação e/ou variadas outras causas incapacitantes, completando assim essa expressiva estatística da epopeia de sacrifícios que a campanha na Itália custou ao Brasil.

Dois dos trinta e quatro pracinhas itapetininganos estiveram entre aqueles que tomaram em ação na Itália.

Foram eles, o soldado **Joaquim Antonio de Oliveira**, do 1º RI, a 29 de novembro de 1944, em combate ao 197º Regimento de Infantaria Alemão quando do segundo de três ataques empreendidos às posições inimigas fortemente alojadas no lendário Monte Castello.

E o soldado **Sebastião Garcia**, este do 6º RI, a 28 de abril de 1945, em combate ao 348º Regimento de Infantaria alemão na libertação de Collecchio.

A morte de Sebastião Garcia foi provavelmente uma das últimas sofridas pela FEB, porquanto a 29 de abril de 1945, em Fornovo di Taro, toda a 148ª Divisão de Infantaria Alemã se rendeu aos brasileiros, perfazendo um total de 14.779 prisioneiros, 4.000 cavalos, mais de 1.500 viaturas, 80 canhões de diversos calibres e vasta quantidade de fuzis e munição.

Da extraordinária captura de toda uma divisão inimiga ao término da guerra passariam apenas mais algumas semanas, dado que a 6 de julho de 1945 embarcava com destino ao Brasil o 1º escalão dos agora ex-combatentes da FEB, a qual por fim dissolvida foi em 1º de janeiro de 1946.

Os anos que seguiram ao retorno de nossos pracinhas ao Brasil correram céleres.

Associações de Ex-Combatentes como a de Itapetininga – esta em 1955 – foram fundadas em várias localidades no Brasil e, mais recentemente, com o advento da Internet e das redes sociais digitais, portais de resgate da odisseia expedicionária foram criados, a exemplo do Portal dos Ex-Combatentes de Itapetininga, a 28 de agosto de 2011.

Com o passar dos anos pós-guerra, foram-se também, um a um, os ex-integrantes itapetininganos da FEB do nosso convívio, prestando cada qual a sua derradeira continência à morte.

José Ribamar de Montello Furtado a prestou em 27 de maio de 1983, outros companheiros de FEB houve que o antecederam e o precederam.

Mais recentemente, outros dois o fizeram.

Os pracinhas Amasílio Paulo de Campos, em 6 de outubro de 2013, aos 93 anos de idade, e Higino Mendes de Andrade, com a mesma idade, a 29 de junho de 2014.

Dos trinta e dois pracinhas itapetininganos que partiram para a Itália, Victório Nalesso (93 anos) e Argemiro de Toledo Filho (92 anos) são os dois remanescentes em vida e que conosco estão nas comemorações do Jubileu de 70 anos do Dia da Vitória (8 de Maio de 1945), em 2015.

Victório e Argemiro são os herdeiros das tradições de seus camaradas combatentes da FEB. Dignos heróis de Itapetininga, a quem devemos nosso respeito, reconhecimento e todo elogio.

São à eles dois em vida e à memória de seus outros trinta companheiros falecidos que faço dessa nota de abertura de **Continência à Morte**: Edição Comemorativa dos 70 anos do Dia da Vitória, um preito de agradecimento e reconhecimento pelo que realizaram na defesa dos ideais da Liberdade e da Democracia num dos momentos mais decisivos da história

de nosso Brasil e do mundo.

Que esta obra poética de José Ribamar de Montello Furtado e as fotos de todos os seus camaradas pracinhas que a ilustram possam permanecer os próximos setenta anos do Dia da Vitória no conhecimento e no imaginário das gerações presentes e futuras na imorredoura certeza de que no Brasil de ontem, hoje e sempre, o filho não foge à luta e nem teme a quem adora a própria morte.

Nesse sentido, contribuem abrindo caminho nesta edição comemorativa de **Continência à Morte** seis prefaciadores de escol, iniciados por Ana Paula de Ribamar Furtado Araújo Neves, neta de José de Ribamar Montello Furtado e representante de toda sua digna família; o 1º Tenente Edomar Wiedtheuper, delegado do Serviço Militar em Itapetininga nos anos de 2013 e 2014, representando o Exército Brasileiro; Afrânio Franco de Oliveira Mello, amigo de décadas de José Ribamar de Montello Furtado e de sua família, vice presidente-fundador do Portal Paulistas de Itapetininga, entre outros méritos; Padre Mário Donato Sampaio, nosso pároco mais expressivo e presidente da Academia Itapetiningana de Letras; o intrépido jornalista Helio Rubens de Arruda e Miranda, presidente do Instituto Histórico Geográfico e Genealógico de Itapetininga; Edmundo José Vasques Nogueira, jovem e dedicado jornalista, vice presidente do Portal dos Ex-Combatentes de Itapetininga, paladino da verdade como fora seu saudoso pai, Edmundo Prestes Nogueira e, por fim, o entusiasta Derek Destito Vertino, gestor do Portal FEB um dos maiores e mais expressivos portais de resgate e divulgação digital da saga Febiana na Segunda Guerra Mundial.

Abalizada por essa plêiade de colaboradores, não poderia **Continência à Morte** estar melhor apresentada e iniciada aos leitores do século XXI, aos quais esta obra, certamente nos seus versos mais incisivos, fará retumbar em seus corações sua energia e vibração, como o fez no meu, a certeza de que

*Unidos viveremos.  
E quando a morte chegar  
espatifando a vida, unidos partiremos  
para o seio paternal de Deus,  
em busca do reino universal do Amor.*

E é nesse amor que José Ribamar de Montello Furtado soube tão bem nortear seus versos de guerra em **Continência à Morte** que reconheço o seu profundo e dedicado amor à Pátria Brasileira, o mesmo que o escritor e capitão da Guarda Nacional João Simões Lopes Neto (1865-1916), anos antes da Epopeia da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial, já soube tão bem definir e aquilatar seu significado e relevância para o Brasil de outrora, de hoje e sempre:

*O homem morre, as gerações se sucedem, mas a Pátria fica, sobrevive e segue adiante, e mais e sempre, ancorada na saudade dos que a construíram e já tombaram e nas esperanças dos que nascem.*

*Nenhum povo pode ser grande sem esse sentimento. Nenhuma nação pode ser forte sem nele apoiar-se. E o amor a Pátria é o mais sólido elo da nacionalidade e o mais forte estímulo aos cidadãos.*

*Que o amor à Pátria se desenvolvia e se fortalecia com o conhecimento de seu passado e presente e com fé em seu futuro.*

**João Simões Lopes Neto**  
(1865 - 1916)

(\*) **Jefferson Biajone** é professor. Presidente da Comissão Organizadora da Edição Comemorativa dos 70 Anos do Dia da Vitória de **Continência à Morte** (Regional, 2015).

# 1º Prefácio de Continência à Morte:

Edição Comemorativa dos 70 anos do Dia da Vitória

Ana Paula de Ribamar Furtado Araújo Neves (\*)

José Ribamar Montello Furtado, um poeta que recitava seus versos sentado em sua cadeira junto à janela.

Essa é a imagem que tenho de meu avô.

De um leitor ávido, de quem herdei a paixão pelos livros.

De um verdadeiro patriota, com quem aprendi a cantar a maioria de nossos hinos, não somente cantá-los, mas também senti-los no âmago de meu ser, a amar minha pátria e a fazer dela um lugar melhor para se viver.

Através de suas memórias contadas em versos, Santo Montello nos transporta à visceral realidade vivida por estes grandes homens que lutaram na Segunda Guerra Mundial, marchando junto a outros povos em nome de um bem maior, em combate a incontáveis atrocidades.

**Continência à Morte** é um convite a uma viagem envolvente, de emoções a fios desencapados nos enviando impulsos elétricos por onde lemos.

**Continência à Morte** nos leva “à Luta”, “ao Sonho” e “a Glória” de maneira bruta, real e inusitada.

**Continência à Morte** nos transporta aos pensamentos e sentimentos de quem viveu a realidade da guerra. Ela nos envolve como se pensássemos e sentíssemos nós mesmos, como soldados.

Assim, em irrecusável convite, Santo Montello nos diz:

“Eis teu primeiro contacto com a luta.

Vê.

Aspira.

Sente.

Quanto é duro viver”

Convido você caro leitor, em meu nome e de minha família, a viver por alguns momentos nesse mundo e a refletir sobre as palavras de meu avô.

Palavras tão antigas quanto atuais, como por exemplo :

*Certo o homem em nada se modificou.  
O exemplo exposto assim violentamente,  
para mal dizer mais tarde o esquecimento.  
Em quanto houver no mundo essa ambição  
que leva o homem em sonhos de grandeza  
ao império do ódio e à prepotência,  
as grande concepções do pensamento,  
calar-se-ão a ferro, a fogo e a sangue*

Boa leitura!

(\*) **Ana Paula de Ribamar Furtado Araújo Neves** é neta do 1º Tenente José Ribamar de Montello Furtado. Bacharel em Direito e em Educação Física pela Fundação Karnig Bazarian de Itapetininga. É especialista em Yoga pela Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas em São Paulo e diretora do estúdio Winning de pilates, yoga e personal training. Casada com o sr. Roberto Gonçalves Neves, possuem os filhos Samara, Gabriel e Ana Clara.

## 2º Prefácio de Continência à Morte:

Edição Comemorativa dos 70 anos do Dia da Vitória

Edomar Wiedtheuper (\*)

O Brasil com sua neutralidade nos conflitos mundiais, teve que tomar decisões importantíssimas diante de fatos ocorridos no litoral do Nordeste do Brasil, devido o torpedeamento de navios mercantis e de passageiros, por submarinos nazistas, sendo obrigado defender a honra, a liberdade e a pátria, ingressando na 2ª Grande Guerra Mundial.

Nesse contexto histórico, foram organizadas tropas brasileiras, para que em conjunto com as tropas aliadas viessem a combater os nazistas em terras da Itália.

Mas a grande figura que se destaca nessa guerra é o soldado brasileiro, que soube combater o bom combate, e com altivez e galhardia vivenciou o dia a dia do “front”.

E dessa maneira, sobrevêm os feitos de guerra de muitos pracinhas, alguns que se perderam no tempo e outros que foram trasladados aos livros.

E nessa ótica, o 1º Tenente José Ribamar de Montello Furtado traz a lume no livro **Continência à Morte** detalhes riquíssimos dos fatos vividos e, pensamentos do cotidiano dos pracinhas, revelando fortemente o sentimentalismo desses bravos e fortes soldados.

Livro escrito em versos que fora idealizado nas trincheiras da grande guerra e, escrito por soldado para outros soldados, com percepções do perigo iminente enfrentado pelos jovens brasileiros, revelando a angústia, o medo e o terror de uma guerra.

Nessa obra, descreve-se as lutas, os sonhos e as vitórias desses nobres e bravos soldados. Na viagem, a caminho da terra a ser libertada, ficavam as lembranças da pátria amada e dos entes queridos, encontrando pelo caminho águas deslumbrantes e os desenhos de lindos relevos.

E nessa viagem, perpassa na imaginação desses pracinhas, fragmentos da história da humanidade, dos soldados guerreiros que modificaram a história mundial, seria esta, a vez dos soldados brasileiros fazer a história!

Conta, sobriamente, que a força para a luta, fora

amparada nos feitos dos nossos heróis do passado. Intrinsecamente, os maiores dilemas aparecem quando chega a guerra, e o ser humano indaga-se da finalidade ou propósito de sua existência.

Dessa forma, a iniquidade se apresentou quando a metralha e o canhão soou, não havendo mais retorno, foi a vez do combatente da força expedicionária brasileira fazer o seu batismo de fogo.

Os relatos em versos nos colocam no contexto da história da guerra, e a par de todos os acontecimentos de outrora e, trazendo a sensação de estarmos inseridos em meio da brutal tônica, inclusive, no imaginário de cada pracinha. E, diante dessa crueldade, narra os pensamentos de cada combatente, retratando o cotidiano das lutas travadas nos gélidos campos de batalha da Itália.

Assim, nos versos que foram apresentados pelo 1º Tenente José Ribamar de Montello Furtado, cada soldado nutria sonhos, pela terra que deixara, da mulher amada e dos entes queridos, e estes sonhos cresciam com o passar do tempo.

Soube descrever a euforia de todos os pracinhas quando adveio a glória da vitória, que podia ser interpretada de diversas formas nas aparências do rosto de todos os soldados.

A obra prima escrita pelo militar, trouxe à tona toda a aflição do ser humano e da sociedade como um todo, quando o conflito foi gerado, e impossível de ser equacionado pelo meio diplomático, advindo a indagação do quanto o homem pode fazer pelo poder ou pela vingança.

E nessa temática, ao relembrar os feitos da história e de nossos bravos pracinhas, em comemoração dos 70 anos do término da Grande Guerra e a libertação do povo mundial de um regime ditatorial e autoritário, o livro **Continência à Morte** é pertinente, pois retrata a realidade do combatente, que traz em seu bojo as aspirações de um soldado, enaltecendo os pracinhas que defenderam bravamente a nossa pátria.

Obra-prima, digna de elogios, que possui leitura agradável que marca essa importantíssima data comemorativa do Dia da Vitória, que pode ser representada pelos pracinhas como “missão cumprida”.

(\*) **Edomar Wiedtheuper** é Segundo-Tenente do Quadro Auxiliar de Oficiais do Exército Brasileiro. Membro correspondente do Instituto Histórico Geográfico e Genealógico de Itapetininga. Bacharel em Direito e Pós-Graduado em Direito Tributário. Foi Delegado de Serviço Militar em Itapetininga durante o Biênio de 2013 e 2014.

### 3º Prefácio de Continência à Morte:

Edição Comemorativa dos 70 anos do Dia da Vitória

Afrânio Franco de Oliveira Mello (\*)

Conheci três pessoas que possuíam um dom ímpar ao contar histórias, que era o de colocar os ouvintes dentro da mesma.

Uma era o meu tio Abrahão Orsi (Neluxo) que nos transportava para suas caçadas, onde víamos o cão todo arrepiado amarrando uma codorna e depois o bater de suas asas ao levantar voo.

A segunda, meu pai, Antenor de Oliveira Mello Júnior, sobre as histórias de suas caçadas e da Revolução de 1932, quando ele, ao contar a troca de tiros entre as tropas, ouvíamos o sibilar das balas cruzando o ar e a terceira, Dr. Ciro de Albuquerque, nosso político mor, dono de uma oratória inigualável.

Certa vez ao fazer uma palestra sobre Tiradentes, ao falar e ao movimentar as mãos, como que fazendo uma estátua do Mártir, a plateia toda acompanhava com os olhos levantados e bem abertos, o traçado delas, como se estivessem a ver a estátua.

Ao ler o livro **Continência à Morte**, aparece mais um, o Tenente José Ribamar de Montello Furtado, este de forma diferente, pois é escrito em poesia.

José Ribamar o faz de forma não convencional, deixando a metrificacão de lado, sem se apoiar na tonicidade das palavras, e abandonando em parte o parnasianismo, que é só a realidade, para, ainda com realidade, arrebanhar a emoção, integrando-a à narrativa, fazendo transparecer ora a realidade, ora o sonho, ora uma fantasia, mas o faz, no meu entender, magistralmente, pois me levou a andar dentro da luta como se estivesse vendo os desfiles da tropa, ouvindo o reboar dos tiros, andando nas cidades históricas da Itália, vendo corpos de soldados mortos, feridos, enfim, todos os horrores da guerra levada a efeito por pessoas insensíveis, cheias de cólera, dominadoras e que queriam transformar o mundo segundo suas convicções.

Que viagem mais atemorizante.

Vê de antemão, nos vagalhões violentos, jogando toda a sua força no navio, fazendo este balançar terrivelmente, nos momentos da chuva, com os seus raios que, na imensidão do mar, eram brilhantes, mais pertos, mais ensurdecedores, vendo nas nuvens negras as imagens, que quando crianças víamos, todas elas de monstros coléricos e prontos a atacar a nau que os transportava, parecendo a todos que já estavam dentro da batalha e que iriam sofrer muito na caminhada para o fim da guerra.

Nos momentos de calma, à sua lembrança vinham os grandes homens que tinham habitado o teatro da guerra: Gutenberg, Goethe, Shiller, Voltaire, Rousseau, Robespierre, entre tantos outros que nos seus pensamentos, nas suas escritas tinham mudado o pensamento e a postura dos homens e, era nessa terra, que teriam que lutar para libertar o mal que avassalava todo o mundo.

Termina o Oceano Atlântico e começa o Mar Mediterrâneo, a nau chega ao Estreito de Gibraltar que com uma largura de 13 quilômetros separa a costa da Espanha, na Europa, de Marrocos, no continente Africano e se deparam com um enorme rochedo, o Penedo de Gibraltar, o Vigilante da entrada ao palco da guerra.

Este, como um sonho, aparece ao Tenente Ribamar travestido à moda dos antigos moradores de Castela, com fitões, aventais, espadas, gorros, calções de seda e veludo, guardando a entrada e fazendo a costureira inquisição de quem ali chega:

Quem vem lá? Que pretendem? De onde vindes?

Os soldados de dentro da nau respondem: Somos homens de bem, livres e aqui estamos munidos da intrepidez e do ardor para lutar pela Liberdade, contra os que a ofenderam e honrar a tradição de nossa terra, o Brasil. Vem a resposta do Vigilante Penedo.

Se é assim, passem e lutem como gigantes para libertar a nossa terra dos tiranos.

E assim foram ao encontro de outros Vigilantes pelo caminho até aportar em Nápoles, nas terras da Itália.

Entram todos, enfim, no teatro da guerra. Mundo horrível, fedorento, sujo, estraçalhado, ruínas, fome, tudo que, nas palavras do Tenente Ribamar, fazia sucumbir a civilização.

Luta insana, dura, tremenda.

Os soldados batiam-se, ficavam feridos e matavam-se.

Tinham que avançar, pois o objetivo pelo qual tinham vindo, era lutar, lutar e lutar, independentemente de quem ficasse ferido ou morria. A ordem era sempre avançar e nunca recuar.

Na luta ele narra os horrores.

Fogo por todos os lados, tiros de fuzil, de canhão, aviões bombardeando a tropa diuturnamente, não deixando espaço para o descanso ou o esquecimento de tudo que havia visto.

A morte rondava por todos os lados desorientando a todos e deixando-os insanos naquele momento, fazendo-os sonhar com a sua morte diante de sabres, cimitarras, alfanjes, fuzis, canhões, jipes e depois, ainda sonhando, com o desfile em sua honra pelos homens fardados e armados.

Narra as cartas que os pracinhas recebiam e a alegria que isso gerava em todos.

Nos conta da dureza da vida nas cidades destruídas pelas guerra. Mulheres oferecendo o corpo em troca de comida, de cigarros e em busca de um pouco de afeto. Os homens se entregam e sonham nos braços das belas mulheres, esquecendo-se, mesmo que momentaneamente, dos horrores que estavam vivendo.

Nas noites vem o sonho. Lembra-se chorando de casa. Do amanhecer, da tarde, do crepúsculo, das matas virgens, dos rios, dos campos, do gado, estrelas, fadas, pássaros, flores, o lago, do céu, da cidade, dos familiares, dos amigos, da infância, do circo, dos estudos, das alegrias, das dores, da mãe cantando, meditando e sorrindo, da partida, do adeus, da despedida da terra e dos entes queridos, a tristeza da possibilidade de passados muitos anos o esquecimento de sua pessoa, imagens que vêm e que se vão e no despertar, se dá conta de que, pelo som do matraquear das balas, está acordado no meio da batalha.

Chora, chora ...

Vem a notícia...

A guerra acabou. Vamos voltar.

Voltaremos levando em nossa mente e no coração, a batalha, o sangue, a tristeza, vamos procurar restabelecer a razão, deixar os ressentimentos de lado, lutaremos contra outros males.

Conheci o Tenente José Ribamar de Montello Furtado

e sua família.

Eu morava no último quarteirão da Rua Saldanha Marinho e eles, no primeiro da Rua dos Expedicionários Itapetininganos.

Passavam regularmente defronte minha casa a caminho da parte central da cidade.

Sempre vi o Tenente Ribamar, com passos calmos, fisionomia serena, cabisbaixo, dando a impressão que carregava dentro de si todos os horrores que viu e sentiu.

Creio que a guerra causou-lhe um sofrimento tão grande que, ao morrer, levou junto com ele tudo o que narrou neste livro **Continência à Morte**.

(\*) **Afrânio Franco de Oliveira Mello** é genealogista e membro do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Itapetininga, vice presidente do Portal Paulistas de Itapetininga e secretário de méritos e honrarias do Portal dos Ex-Combatentes de Itapetininga.

## 4º Prefácio de Continência à Morte:

Edição Comemorativa dos 70 anos do Dia da Vitória

Helio Rubens de Arruda e Miranda (\*)

Nestes tempos em que a Cultura não é devidamente valorizada pelos poderes competentes e onde a informação é passada como comida fast-food, sem o aprofundamento necessário para a boa compreensão, é altamente significativo o lançamento de uma obra literária como **Continência à Morte** organizado por Ana Paula de Ribamar Furtado Araújo Neves, Afrânio Franco de Oliveira Mello e Jefferson Biajone.

Saúdo esse lançamento literário por entender que ele é resultado da soma de vários fatores positivos. Primeiro, a decidida dedicação ao resgate da História Militar de nossa cidade pelos pesquisadores do Portal dos Ex-Combatentes de Itapetininga, já amplamente conhecida e facilmente comprovada através dos vários trabalhos comunitários realizados, sem quaisquer fim lucrativo, mas muito ricos em valores culturais.

Somem-se ao trabalho que realizam os integrantes deste Portal, as atividades culturais nesta jornada histórica que relembra a vitória do Brasil e do mundo civilizado sobre a prepotência do regime ariano ditatorial.

A meu ver, existe ainda mais um motivo de euforia pelo lançamento da edição comemorativa de **Continência à Morte**: trata-se do apoio oferecido por importantes entidades culturais, como o Portal Paulistas de Itapetininga, a Academia Itapetiningana de Letras, o Tiro de Guerra e a Delegacia do Serviço Militar em Itapetininga e o IHGGI – Instituto Histórico Geográfico e Genealógico de Itapetininga.

O livro **Continência à Morte** conta uma história e não uma estória, ainda que em versos despreocupados com a forma, mas sim concentrado em seu conteúdo, baseado em fatos e não em versões fantasiosas ou idealísticas.

Nele, o leitor tem a oportunidade de saborear a singeleza dos textos que, propositadamente não rimados, revelam os sentimentos de seu autor, Santo Montello, um pracinha que vivenciou in loco, como partícipe importante, os

acontecimentos que ajudaram a construir a nossa sociedade atual. Um livro que não foi escrito segundo os padrões habituais da literatura livresca, eis que, de modo poético, nos conta episódios e situações vividas pelo próprio autor, num ineditismo notável recheado de nobres sentimentos.

Mesmo não se preocupando com a combinação dos sons das palavras, Montello Furtado leva ao leitor mais do que rimas: transmite sentimentos e sensações vindas da alma e do coração através de versos criados pela ternura e pela afeição. Ele não escreve como um poeta, mas obtém o mesmo resultado das grandes narrações, pois leva até o leitor o lirismo que existe em tudo, inclusive em cenários de guerra.

São textos que envolvem a ponto de nos fazer ouvir o rufar dos canhões, o fragor das batalhas e os passos apressados e agressivos dos soldados em luta.

São versos que afloram da alma, mostrando a grandeza dos verdadeiros patriotas!

O 1º Tenente José Ribamar de Montello Furtado, itapetingano ilustre, é também um herói nacional!

E graças a ele e aos organizadores dessa edição comemorativa de **Continência à Morte**, nós, brasileiros – principalmente os mais jovens – ficamos conhecendo o que significa amar à pátria, uma sensação tão em falta ultimamente, mas que marcou e encheu de glória os soldados da nossa Força Expedicionária Brasileira, corajosos combatentes que, muitas vezes, mesmo sem as condições de preparo mais adequado, alimentados em seus ideais sobejamente estavam para a defesa da honra da pátria, dos sagrados panteões verde-amarelos e dos princípios dogmáticos da Liberdade e da Democracia.

Assim, quero lembrar que este livro tem a função, entre outras também dignas de nota, de resgatar fotos e textos desses heróis nacionais, alguns em seus uniformes que outrora no campo de batalha envergaram com energia e vibração.

A maioria desses heróis já encerraram suas missões no planeta, mas não morrerão nunca enquanto houver iniciativas como **Continência à Morte**.

Quero finalizar lembrando que, como já é sabido por alguns – mas infelizmente não por todos! – não existe maneira mais significativa e mais eficiente de se conhecer o futuro do que conhecendo o passado!

Salvo seja, **Continência à Morte**, edição comemorativa dos Setenta Anos do Dia da Vitória! Leia e viva! (em todos os sentidos dessa palavra, leitor) e aproveite esta oportunidade para conhecer um pouco mais sobre o passado de nosso país e depois utilize esse conhecimento para contribuir para a melhoria e o aperfeiçoamento de nossas instituições!

(\*) **Helio Rubens de Arruda e Miranda** é jornalista e editor do jornal eletrônico ROL – Região On Line; presidente do IHGGI – Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Itapetininga; membro da Academia Itapetiningana de Letras, onde ocupa a cadeira dedicada ao presidente Julio Prestes de Albuquerque; secretário do MIS-I Museu da Imagem e do Som de Itapetininga; fundador e ex-secretário do INICS – Instituto Nossa Itapetininga Cidade Sustentável e fundador do Instituto Julio Prestes.

**5° Prefácio de Continência à Morte:**  
Edição Comemorativa dos 70 anos do Dia da Vitória

Mário Donato Sampaio (\*)

*Insensato! O que tu semeias não é vivificado, se primeiro não morrer. E, quando semeias, não semeias o corpo que há de nascer, mas o simples grão, como o de trigo, ou o de outra qualquer semente. Mas Deus lhe dá um corpo como lhe aprouve, e a cada uma das sementes um corpo próprio. Porque é necessário que isto que é corruptível se revista da incorruptibilidade e que isto que é mortal se revista da imortalidade. (Primeira carta aos Coríntios, Cap. 15, v. 36 a 38 e 53)*

Tendo sido convidado para compor um grupo de prefaciadores desta obra, senti-me honrado e represento nesta tarefa a Academia Itapetiningana de letras (AIL).

A História ciência deve ser fruto de investigações para serem traduzidas em escritos. Podem produzir opiniões diversas fazendo outros historiadores buscarem novas interpretações.

Embora contra fatos não existam argumentos, as interpretações ou até as interposições podem trazer a necessidade de releituras e mais releituras.

Na minha infância acompanhava, por meio de revistas, o andamento da segunda grande guerra.

Depois que brasileiros entraram no combate meu interesse infantil aguçou-se ainda mais.

Meu entusiasmo foi enorme quando encerrada.

Dia da Vitória! Vencemos!

Que alegria a minha quando pude estar presente, por escolha de meu pai, entre três irmãos, numa festa em minha cidade para receber aquele laranjalense expedicionário.

Apertei-lhe a mão. Grande herói!

Pareceu-me um Sansão da Bíblia.

Na minha leitura de **Continência à Morte** fui levado a rever posicionamento diante do fato guerra, ainda mais que estamos recebendo em nossos noticiários diários informação

de violentas e terríveis situações de guerra em diversos pontos do planeta Terra. Foi ótima a leitura que cito deste mesmo livro

*No furor do entusiasmo que o agitara, o Comandante terminou nervoso e feliz a todos proclamando que o inimigo capitulara e que capitulando, dava por finda a luta. A guerra terminara*

*Surpreso pela reação do batalhão, continuou o Comandante:*

*— Que se passa convosco? Este silêncio?  
— Tendes alguma coisa que dizer? Falai!  
Diversos manifestaram-se.*

Citando apenas um descrito nesta obra.

*Tenho um lar, uma esposa e um filho pequenino. Eu era o mais feliz dos homens sobre a terra, embora na miséria enorme que vivia. Dentro do nosso lar, mesmo faltando pão, sobrava-nos amor. E se nos faltava o estímulo da vida sobrava-nos a fé. E quando vendo alegria sobejando aos outros ou víamo-nos nós envoltos na ansiedade, sentíamos a esperança arder dentro de nós. Tínhamos Deus. Pouco importa a vida que se tenha. Quer no seio da miséria, quer no seio da abundância, não chega poder viver, é preciso ter fé, ter esperança. Vivíamos assim. Um dia, porém, a guerra sobrando aos outros, veio por ironia, sobrar para nós também. Como os outros, parti. Como os outros, lutei. Desde o primeiro dia, a cólera da luta despertou em mim um sentimento estranho. Queria estar sempre onde estivesse a morte. O primeiro a morrer nas minhas mãos, ao tombar junto a mim ensanguentado, acordou no cérebro um bandido que eu trazia comigo inconscientemente. Desde então não me posso conter. Com a sensação da luta e a ânsia de viver, vem-me esse desejo horrível de matar. Agora, voltando à miséria do passado, sabendo que poderei matar e destruir, constrange-me entretanto, o horror tremendo de não resistir. Voltando a encarar meu filho,*

*a hediondez do mal que pratiquei, temo sentir no olhar do pequenino. Vim para a guerra quase um santo. Volto para casa um assassino.*

Vale muito ler outros depoimentos de surpresos combatentes.

Eles narram, sem fazer cientificamente a História, sei muito bem o valor dessa ciência, não a desprezo, mas foram eles que descreveram com muita clareza o grande mal que é uma guerra.

Mata não o Homem, na verdade mata a Humanidade.

História contada por outros difere da história do indivíduo participante no fato para os quais sobram argumentos.

**(\*) Mário Donato Sampaio** é presidente da Academia Itapetiningana de Letras. Graduado em Filosofia e Teologia pelo Seminário Maior Imaculada Conceição do Ipiranga, SP. Bacharel em Teologia Moral pela Academia Alfonsiana de Moral, em Roma e em Direito pela Faculdade de Direito da FKB em Itapetininga. É licenciado pleno em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Fundação Dom Aguirre em Sorocaba. Padre da Diocese de Itapetininga, Igreja Católica, onde exerce o ministério de Vigário Paroquial na Paróquia Nossa senhora das Estrelas. É membro eleito do Conselho Municipal de Assistência Social e membro fundador e vice-presidente da Organização não governamental “Lar Celia Teresa Rodrigues Soares Hungria”.

**6º Prefácio de Continência à Morte:**  
Edição Comemorativa dos 70 anos do Dia da Vitória

Edmundo José Vasques Nogueira (\*)

A segunda Guerra mundial marcou e marca até hoje a história da humanidade. É possível encontrar vasto material sobre as movimentações das tropas, do teatro de operações, das estratégias militares, dos combates e dos acontecimentos que fizeram o mundo tremer durante aqueles dias sangrentos de incertezas. Muito já se escreveu e muito ainda será escrito sobre o maior conflito bélico de todos os tempos, que mudou profundamente a nossa sociedade.

Considero o livro **Continência à Morte**, do 1º Tenente José Ribamar de Montello Furtado como uma obra única e fundamental, uma vez que ao contrário do senso comum ela faz uma viagem ao interior do principal protagonista da Guerra: o soldado.

Dotado de grande conhecimento e cultura, José Ribamar Montello Furtado demonstra sua sensibilidade de poeta para penetrar nas profundezas do espírito do homem, que desceu ao inferno da guerra e voltou, trazendo consigo as cicatrizes e as marcas da insanidade e da miséria humana.

*Esta celeuma infernal é o tumulto da luta.  
É o grito da metralha.  
É o berro do canhão.  
É o egoísmo embrutecido da canalha destruindo com  
raiva a civilização.  
Chegou a tua vez.  
Vai.  
Fere e mata.  
Voltaste a ser o que tu eras no início da existência  
humana: - uma fera entre outras feras,  
A luta foi tremenda.  
Não havia lugar no mundo para indecisões.*

Ao mergulhar na alma do soldado, José Ribamar Montello Furtado encontra mais do que a miséria daqueles

que combatem, matam e morrem: é possível ver refletida na alma do soldado as chagas expostas da sociedade destruída pela violência e pelo medo, onde mulheres e crianças buscam perdidas um pouco de proteção ou mesmo saciar a fome a qualquer custo.

Em **Continência à Morte**, José Ribamar de Montello Furtado nos revela que o soldado é duplamente um herói: herói da defesa da sua gente, da sua terra e de seus ideais e também um herói de si mesmo, obrigado a conviver e vencer todos os horrores ao qual conviveu nos campos de batalha.

E a saga do soldado herói não para por aí: o retorno a sua terra, a vida que nunca mais será a mesma... pois o soldado voltou outro homem, forjado a ferro, fogo e sangue. Após a luta, a entrega total e o sacrifício supremo, muitas são as decepções do soldado com a sociedade que ele encontra ao voltar.

Como jornalista, sempre tive uma grande admiração pela obra de escritores como Ernest Hemingway, que participou dos grandes conflitos da humanidade de sua época e teve a capacidade de descrever o que sentia o coração do homem.

Hoje posso incluir, sem sombra de dúvidas, entre os escritores que admiro, José Ribamar de Montello Furtado, com a satisfação de ser ele um brasileiro como eu.

Por ocasião dos 70 anos da Vitória da Segunda Guerra Mundial, nada é mais oportuno que a reedição e a leitura de **Continência à Morte**, um verdadeiro marco da nossa literatura.

**(\*) Edmundo José Vasques Nogueira** é filho de Edmundo Prestes Nogueira e Cecília Pimentel Vasques Prestes Nogueira. cursou jornalismo na Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero, onde foi presidente do Centro Acadêmico Vladimir Herzog e participou ativamente do movimento estudantil, durante a abertura democrática dos anos de 1980. Atuou como jornalista na imprensa das cidades de São Paulo e de Manaus. É membro da AIL – Academia Itapetiningana de Letras e vice presidente do Portal dos Ex-Combatentes de Itapetininga. Casado com Patricia Duarte Nogueira tem quatro filhos: Raisal, Augusto, Gabriel e Laura.

## 7º Prefácio de **Continência à Morte**: Edição Comemorativa dos 70 anos do Dia da Vitória

Derek Destito Vertino (\*)

A tropa brasileira provou na Campanha da Itália que, apesar das barreiras no processo de treinamento e adaptação, mostrou ser uma tropa eficiente e combativa com grande empenho dedicado na realização de cada missão.

A Força Expedicionária Brasileira era composta basicamente por pessoas simples e comuns que mesmo sem todas as exigências para uma guerra moderna, transformaram-se em heróis superando momentos de extremo sacrifício. Os nossos heróis deram o seu sangue para libertar dezenas de vilas italianas, colaboraram ativamente para a queda do nazifascismo na Europa e no processo de redemocratização do Brasil.

Hoje, os jovens carecem de exemplos de pessoas dignas de admiração como aqueles rapazes que, na década de 40, cumpriram o dever de cidadania e registraram uma das mais marcantes páginas da História do Brasil.

A obra **Continência à Morte** resgata o mais importante fato histórico do Brasil no Século XX com grande habilidade do autor em seus versos bem estruturados na composição literária. Tal obra cria um laço de identidade com a comunidade de Itapetininga nos 70 anos do Dia da Vitória.

O Sr. José Ribamar de Montello Furtado que, além de verdadeiro Herói Nacional, contribuiu para incrementar a bibliografia da História Militar Brasileira e enaltecer a contribuição de seus colegas de farda. Todos eles - heróis de diferentes etnias - herdaram do passado o mesmo espírito de união daqueles que venceram a Batalha dos Guararapes e deram origem ao Exército Brasileiro.

(\*) **Derek Destito Vertino** é licenciado em História, Especialista em História Militar e Organizador do Portal da Força Expedicionária Brasileira. Autor do livro “Da Glória ao Esquecimento: Os Socorrenses na Segunda Guerra”.

# Pracinhas Itapetininganos

---



## 1º Regimento de Infantaria



**Soldado Joaquim Antonio de Oliveira**  
Falecido em combate ao 197º RI Alemão  
em Monte Castello a 29 XI 1944

# Falecidos em Combate

---



6º Regimento de Infantaria



**Soldado Sebastião Garcia**

Falecido em combate ao 348º RI Alemão  
em Collecchio a 28 IV 1945



Primeira Parte



À LUTA



— I —

Mar e céu nas transmutações da noite em dia.  
O mar tinha arremessos bruscos, violentos,  
de quem esconde há muito instintos assassinos.  
Vezes desenrolava vagalhões enormes,  
arrojando-os com fúria ao dorso do navio.  
Na impotência da luta, enraivecido, louco,  
arcava-se tremendo e blasfemava e bramia.  
Às vezes vinha manso, ledó e paternal,  
em longa secreção de vagas pequeninas,  
qual rebanho de ninfas nuas em folguedos,  
bailando sobre o dorso verde do oceano.  
De súbito, porém, mais colérico ainda,  
na transfiguração de uma raiva profunda,  
jogava para o céu montanhas de água escura,  
numa explosão violenta, plena de desvelos  
de mães a quem roubassem filhos pequeninos.

E nas toras das naus, jogando espumas,  
as feras acordavam dos abismos.

E no zênite, um sol endoidecido e quente,  
que ia devorar as searas do nordeste  
na volúpia escaldante e acerba do calor,  
sorria para o mar entre cintilações  
que fulgiam nas águas, no cume das vagas.

Alto, o céu, quieto e azul sorrindo eternamente,  
espiava curioso, entreabrindo a cortina  
de nuvens que toldava a paz do firmamento.  
Esperava um desastre, um crime, uma tocaia.  
Parecia aguardar uma tragédia horrível,  
Onde houvesse terror e medo e luta e sangue.  
Depois, quando o sol rubro e exausto se escondia,  
além e muito além, na terra dos gigantes,  
e a noite, a noite amiga, tentava esconder  
o segredo da vida em ânsias sobre o mar,  
ele abria milhões de furos pequeninos  
e ficava escutando através das estrelas.  
Receando talvez que as trevas lhe roubassem  
essa tragédia horrenda que aguardava há muito,  
acendia uma lua branca e gigantesca,  
que como um "very light" enorme e vagaroso  
pairava indiferente iluminado o mar.

E os transportes seguiam cautelosos  
Espreitando o silêncio, o mar e o céu.

No bojo dos transportes, entre o céu e o mar,  
a flor da mocidade arrancada à pátria.

Tudo o que de melhor a terra dos gigantes  
tinha de intrepidez, de força e de coragem,  
entre bravos e bravos fortes, escolhidos,  
frutos da conjugação de raças diferentes,  
era mandado agora, em holocausto a deuses  
que viviam de sangue alimentando a guerra.



A guerra estava do outro lado... Lá,  
de onde Gutenberg, furioso, louco,  
atirava panfletos sobre o mundo  
destruindo a ignorância e a escravidão.  
Onde Goethe e Shiller apedrejavam  
com blocos calcários de poemas,  
a injustiça, a ambição e a hipocrisia.  
Onde Voltaire, o excomungado rico  
solicitara altares à razão.  
Onde Rousseau, chorando a humanidade,  
acendera o rasilho da hecatombe  
que demoliu o trono e a realeza.  
Onde Robespierre, enlouquecendo,  
fez derramar o sangue da nobreza  
para matar a dúvida da cor.  
Lá, onde a arte com fúria armazenou  
o que de belo a vida produziu  
para deleitar séculos famintos.

Onde as cinzas dos mártires repousam  
na derradeira prece da agonia.  
De onde partiu Colombo em-pós-de um sonho,  
para encontrar a terra dos atlantes,  
De onde partiu Cabral dissimulando,  
para roubar-lhe o sonho, a terra e a glória.



O Atlântico tingira-se de sangue.  
Em cada canto armar uma tocaia,  
mantinha em cada vaga um assassino.  
Multiplicavam-se nos horizontes,  
Olhos seguindo a presa que fugia.  
E afrontando ou fugindo das armadilhas,  
chega uma tarde, a esquadra, a Gibraltar.  
Daqui retorna a escolta. Para frente,  
menos perigos há para temer.  
Hora pungente. Tristes despedidas.  
Em continência desfilam navios  
com marujos em forma nos conveses  
do transporte, no largo tombadilho,  
a tropa entoando o hino das Américas.  
Há emoções que vibram um momento,  
mas tão grandes são, fortes se apresentam,  
capazes de alterar o esforço humano.

E nos olhos sombrios dos gigantes,  
Lágrimas põe, escandalosamente.

É que por muito mau que seja, o homem  
guarda consigo uma afetividade,  
que o prende sempre à terra em que nasceu.  
E aqueles que partiam retornando,  
levavam ao Brasil último adeus.



## Força Expedicionária Brasileira



**2º Sargento Nelson Barreiros**

— II —

Ainda se achava à vista Gibraltar, penedo,  
que na história, a força vem simbolizando,  
quando das áridas costas de Castela,  
surge um vulto soberbo e majestoso.  
Trajava de cavaleiro, à moda antiga:  
— gorro, gibão, calções de seda ou de veludo.  
Envolvia-lhe a garganta o branco da golinha.  
Na destra sopesava enorme espada  
que a ponta vinha mergulhar nas águas.  
À sinistra, porém, já lhe faltando,  
disfarçava o coto nas ilhargas.  
Forte era. Podeis acreditar-me.  
A voz que em volume ao corpo se casava,  
Reboou solene dominando o vento:  
— Parai! Quem sois vós? De onde vindes  
e para onde ides? Respondei!  
Presto satisfazei minha curiosidade.  
Se sois homens de bem, passai, convosco  
o desejo de vos servir e amar.

Mas se sois vilões, cruéis, malditos,  
à cata de aventuras velejando, parai!  
Pois à fé de quem sou e a que me obriga  
ofício tão nobre escolhi,  
jamais daqui vos deixarei passar.  
E a cavalo ou a pé, com espada ou lança,  
hei de certo impedir o vosso intento.  
Quer lutando convosco de homem a homem  
ou se afrontando a vossa vilania,  
com todos de uma vez. E embora  
me custe a vida o feito, não desisto.  
Eu sou daqueles nomes de Castela  
que afrontando perigos e incertezas,  
novos mundos a força conquistaram.  
Aqueles, cujo ardor e intrepidez,  
ampliaram as fronteiras da pátria  
e a cristandade. E entre remota gente  
poderosos impérios construíram.  
Aqueles que na espada a cruz honrando,  
elevaram tão alto a própria fé,  
glorificando o sangue dos vencidos.

Da costa da África, vulto semelhante,  
no tamanho, no aspecto e no trajar,  
com um olho vazado, consequência  
de lutas que tivera, ergueu-se e incontinentemente  
respondeu-lhe com voz soberba e forte: —  
- Calai-vos! Que dizeis! Ignoras por certo  
estirpe e valor dos que transitam.  
Não são como pensais, aventureiros nômades,

nem vilões, nem cruéis e nem malditos.  
São bravos. Filhos e netos de gigantes  
e trazem no sangue heroico por herança,  
força e valor da lusitana gente.  
Bravos filhos de terras gloriosas,  
veem as tenebrosas águas velejando,  
em inimigos covardes castigar  
ofensas a Deus, à Pátria e à Liberdade.

Passai! – ambos disseram então. Passai!  
Em frente para a Vitória!  
E quedaram-se imóveis e em silêncio,  
que ao vê-los assim se duvidava,  
se um gigante fitando outro gigante,  
se um penedo fitando outro penedo.



## Força Expedicionária Brasileira



**2º Sargento Nelson Medeiros**

— III —

Com a tristeza da tarde, iam morrendo,  
os contornos das terras que ficavam.  
A Espanha legendária, acidentada e nua.  
Ninho de águias que ampliaram a terra.  
E as costas da África, arenosas,  
pontilhadas de cubos, núcleos de serralhas,  
minaretos pontiagudos de mesquitas.  
Por detrás, muito além, se adivinhavam,  
desertos, oásis, caravanas.

Com as emoções chocava-se a saudade  
e no embate a dor se entorpecia.

Aqui é o Mare Nostrum, quase um lago.  
Sulcado outrora pelas naus fenícias

que de Cartago demandavam a Ibéria.  
Por aqui passaram as naus romanas  
em meio de horríveis pesadelos  
modificando as páginas da história.  
Isso foi no passado. Agora, no presente,  
quem modifica a história somos nós.

Despertai tenazes bandeirantes  
que em busca de aventuras alargaram  
as fronteiras da terra de Cabral.  
Vinde heróis dos Guararapes. Vinde!  
Vinde também silvícolas e bravos  
Tupis, Tamoios, Aimorés, Timbiras!  
Vós que edificastes nas glórias do passado  
os feitos heroicos do presente.  
Vinde ver! Os filhos dos gigantes  
vão escrever em terras estrangeiras  
um capítulo de sangue e de bravura  
em desagravo à honra do Brasil.

Quando a vingança arma braços fortes  
e o ódio a ela se alicia,  
é preciso temer.  
Nem mesmo a morte,  
o direito de vingar impediria.



## Força Expedicionária Brasileira



**2º Sargento Domingos Barreira Sobrinho**



## Força Expedicionária Brasileira



3º Sargento Pedro Gomes de Oliveira

— IV —

Nápoles tinha um aspecto canalha  
de meretriz devassa que em vícios se esgotou.  
A face, era a face de um palhaço  
que de tanto sorrir  
embruteceu e se petrificou  
na expressão histriônica e ridícula  
de quem não pode já deixar de rir.

Dentre os trapos sujos que envolviam  
os restos que a que a guerra recusara, saltava  
como um bolo de festas, meio cru,  
mordido pelo vício,  
um seio quase nu.

O Vesúvio fumava devagar

Um cigarro barato e continuamente,  
cuspia para o mar,  
a saliva que escorria da boca incandescente.  
De vez em quando,  
abafava com fragor o ruído profundo  
de uma tosse que vinha da garganta do mundo.  
Em baixo, a seus pés, enrodilhada  
na resignação inata das cadelas,  
Pompéia, suja, escura e estraçalhada,  
procurava esconder nos mármore de pé,  
a vergonha caída nas vielas.

Nápoles não estancara ainda a hemorragia  
das últimas feridas  
e expunha ao sol os braços macilentos  
e as pernas nojentas carcomidas.  
Por aqui passara a guerra, vendaval gigante,  
carregando gigantes sobre os ombros.  
Por aqui viera um cataclismo e a morte  
espreitava incautos dentre escombros.  
Por aqui passara a guerra e se podia ler  
nas faces magras dos sobreviventes,  
o horror do epílogo da luta.  
Avaliar podia-se a tragédia,  
em que melhor fora parecer  
a sofrer os males consequentes.

Numa agonia lenta e dolorosa,

aos berros sucumbia a civilização.  
Em torno, qual prole faminta e numerosa:  
luto, miséria e pranto. Confusão.  
Ruínas por toda parte se chocavam  
multiplicando-se na aridez da terra.  
Cidades que existiram desapareceram.  
De algumas não se sabia mesmo se viveram  
e de outras se duvidava ainda se existiam.  
Ruínas só. Já não se distinguiam  
as herdades do tempo das fornadas na guerra.

À moral sucumbira à força da razão  
e cedera aos impulsos da necessidade.  
A fome não respeita preconceitos  
e ignora até a moralidade.  
E a fome era tão grande, era tão forte,  
que não cedia a imposições de morte  
nem aos argumentos fatais da raiva do canhão.  
Sobre tudo isso, indiferente,  
a natureza impunha-se arrogante.  
Em cada esquina, uma boca ardente,  
manchada por resquícios fracos de pudor,  
Abria-se num sorriso vago e estonteante  
que era um convite franco para o amor.  
Amor que era uma troca rude de prazer  
por algo que saciasse essa fome brutal  
que roía as entranhas e fazia sofrer.  
Por onde passava a guerra enraivecida e louca,  
o amor permutava a sensação carnal,  
saciando a avidez famélica da boca.



## Força Expedicionária Brasileira



**Cabo José Rolim de Oliveira**

— V —

Livorno, fora uma cidade  
que florescera outrora na grandeza  
de uma Itália opulenta, rica e má,  
agora, é apenas a recordação  
dum passado ridículo de glórias  
que não resistiu à força da razão.  
Assemelha-se mais a outra Pompéia  
que em erro geográfico gravara  
no solo acidentado da Toscana.  
Perto, dorme Pisa, outra relíquia  
que um acaso feliz arrebatou  
da fome insaciável que alucina a guerra.  
Mas entre os monumentos do passado,  
uma coluna em pedaços, uma ponte  
destruída, um passeio em lances extirpado;  
uma fonte, uma estátua a revolver-se em terra  
e esqueletos de prédios, tudo enfim,  
que lembra a violência, força, luta,  
agita-se berrando,  
dentre as recordações que os séculos honraram.

Ruínas e ruínas. Quanto sangue

custou a humanidade esta tortura!  
Quanto pranto inútil derramado  
sob a pressão da dor, do sofrimento!  
Certo o homem em nada se modificou.  
O exemplo exposto assim violentamente,  
para maldizer mais tarde o esquecimento.  
Enquanto houver no mundo essa ambição  
que leva o homem em sonhos de grandeza  
ao império do ódio e à prepotência,  
as grandes concepções do pensamento,  
calar-se-ão a ferro, a fogo e a sangue.

Era este povo de certo, entre outros povos  
que com o espólio de Roma enriqueceram,  
o que mais herdou virtude e vício  
que destruiu o império dos romanos.  
Se lhe sobrou tenacidade e empenho,  
com que engrandeceu as artes e a ciência  
e criou gênios na literatura,  
faltou-lhe contudo esforço belicoso,  
espírito combativo e senso de justiça,  
o que fez de Roma o marco primitivo  
da lógica, do direito e da razão.  
Fracassando ante a ganância dos germanos  
que tinham mais respeito pela força,  
sucumbiu com a própria experiência.  
Hoje, paga, desgraçadamente,  
não só pelo mal que praticou,  
como pelo mal maior que desejou fazer.

A moral deixa à posteridade:  
— Não se esbofeteia impune a liberdade.



## Força Expedicionária Brasileira



**Soldado Argemiro de Toledo Filho**



## Força Expedicionária Brasileira



**Soldado Benedito Ayres de Campos**

— VI —

Eis teu primeiro contato com a luta.  
Vê.  
Aspira.  
Sente.  
Quanto é duro viver.

No lar.  
Na sociedade.  
A luta cotidiana pela conquista do pão  
é apenas simulacro de luta,  
onde a razão de ser,  
a fome e o receio de perecer,  
embrutecem a força da razão.  
Aqui, a luta é diferente.  
Vieste a um "rende-vous" com a morte  
e pela primeira vez,  
vais encontrá-la frente a frente.

Nasceste.  
Nem tu sabes por que.  
Na verdade,  
és como todos esses desgraçados  
condenados à vida, condenados  
também a sofrimentos,  
a mais feliz concepção biológica  
que encheu a história de lamentos.  
Lutaste até agora contra o inevitável.  
Não foste um covarde, eu sei,  
não foste  
lutaste como um bravo e como um forte.  
É mister porém, nesta partida,  
em que se joga a vida pela vida,  
vencer para viver.  
E a vida, não sei porque, antecipou-se à morte.

Escuta.  
Esta celeuma infernal é o tumulto da luta.  
É o grito da metralha.  
É o berro do canhão.  
É o egoísmo embrutecido da canalha  
destruindo com raiva a civilização.

Chegou a tua vez.  
Vai. Fere e mata.  
Voltaste a ser o que tu eras  
no início da existência humana:

— uma fera entre outras feras,  
a disputar com ardor,  
a presa que iria saciar-te a fome  
ou a fêmea que iria saciar-te o amor.

Chegou a tua vez.  
Vai. Estruge. Berra. Mata.  
A vida é mesmo assim.  
Prevalecerá na existência,  
aquele que não tiver escrúpulos demais  
capazes de embotar-lhe a inteligência.  
Na arena do mundo, subordinado à fome,  
na luta entre o forte e o fraco,  
nenhuma indecisão há entre os dois.  
Chegou a tua vez.  
Vai. Estruge. Berra. Mata.

Morrerás depois.



## Força Expedicionária Brasileira



**Soldado Benedito Nunes da Costa**

— VII —

A luta foi tremenda.  
Não havia lugar no mundo para indecisões.  
Numa orgia de sangue, tétrica e brutal,  
à música das armas vomitando a morte,  
batiam-se, feriam-se e matavam-se.  
Corpos tombavam em pandemônio  
violentamente esfaqueados .  
Recuar... Impossível. Quem podia  
recusar a luta se em disputa  
a honra, a liberdade e a pátria.  
Deixar-se abater, cair vencido,  
ceder ao inimigo a palma da vitória,  
era morrer outra vez depois de ter morrido.

A noite, ao clarão das chamas  
iluminando o circo e a arena ,  
o horror da luta estarrecia.

Era como se o mundo em chamas se extinguisse transformado num inferno.

O campo, entre os recortes da montanha, refletindo na neve, a luz e as chamas, dava impressão de cuba tenebrosa onde corpos estranhos se movessem na ígnea matéria em ebulição.

Era um espetáculo terrível, que a pena não pode descrever com precisão.

Quando a manhã medrosa despertara trazendo consigo o tímido clarão de um sol a tremer no firmamento, ainda se ouvia o estrépito da luta e o riso dos canhões esquartejando corpos que enterrava em neve e lama. Mas quando morrendo ao sol, morrerá o dia, uma calma dolente se esboçava. A luta pouco a pouco se extinguia.

No campo ficara apenas a memória, entre destroços e corpos mutilados, de uma sonegação brutal da história.



## Força Expedicionária Brasileira



**Soldado Guiomar da Costa Pinto**



## Força Expedicionária Brasileira



**Soldado Luiz Folegatti**

— VIII —

Fox-Hole. Noite fria de inverno.  
Expectativa de luta. Pela estreita abertura  
por onde passa a noite, a neve e o frio,  
veem-se estrelas brilhar no firmamento.  
Flocos de neve, como plumas,  
dançam no espaço ao sabor do vento.  
Leves ruídos veem-se aproximando  
com a fricção do medo  
em folhas ressequidas dum arvoredor,  
no silêncio inquieto de uma noite escura.  
Granadas rebentam continuamente,  
ressoando com fragor nos côncavos do morro.  
Passam gemidos rastejantes  
nas padiolas das turmas de socorro.  
Sobre o esplendor fosforescente  
da brancura da neve, sobre o fundo  
azul contínuo do infinito,  
rebenta como um  
um "very-light" que desce iluminando o mundo.

Esse lampejo  
de luz silvando pelo céu,  
é o sorriso da morte precedendo um beijo.  
E ao sinal desse gongo, reboa afinal  
do fundo do silêncio,  
a gargalhada fatal  
da "ponto trinta".  
E o homem que dormia indiferente,  
esquecido da guerra,  
nos buracos de neve escavados na serra,  
desperta abruptamente  
para uma luta terrível, onde a vida se lança,  
despedaçando-se em convulsões horrendas,  
para satisfazer um sonho de vingança.

Tinta de sangue, a neve se desfaz  
ao calor da vida que apodrece.  
É mais um sonho que fenece  
e outra ambição cruel se satisfaz.

Mas depois...  
Tudo estará depois como estava antes.  
O homem será ainda mais feroz.  
E a vida continua.  
Os jardins se enfeitarão de flores e crianças.  
Surgirão na terra novas esperanças.  
No céu ainda brilhará a lua  
e brilharão estrelas que brilhavam já  
milhões de anos luz longe de nós.



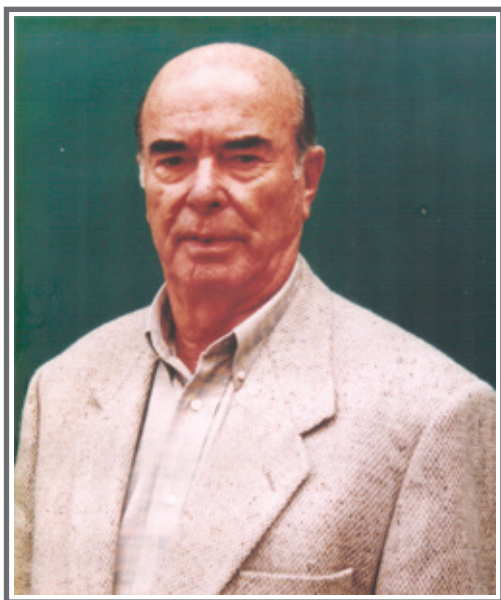
## Força Expedicionária Brasileira



**Soldado Manoel Evaristo de Moura**



## Força Expedicionária Brasileira



**2º Sargento João Domingues**

— IX —

A vitória já se aproximava, quando,  
o gume de um estilhaço  
decepcionou-lhe um braço  
e uma bala fatal atravessou-lhe o peito.  
Ele tombou bruscamente sobre a neve  
como outrora ao voltar do trabalho  
tombava cansado sobre o leito.

A lividez da morte se estampava  
na face, espantando a mocidade e a vida.  
Quiseram levá-lo a força.  
Ele porém, já presentindo o fim,  
Com energia feroz se recusou,  
- Não. Quero morrer assim.  
Foi sempre assim que desejei morrer.  
Num campo de batalha.  
Balas silvando ao vento.

Azas ferozes flamejando  
entre massas de nuvens pelo azul.  
Canhões com furor saudando outros canhões.  
Homens em luta violentando a sorte.  
Quero morrer assim. Entrar na eternidade  
na cadência grave das fanfarras.  
Entre fileiras de guerreiros rudes.  
Sabres. Alfanges. Cimitarras.  
Luzindo ao sol em continência à morte.  
E eu vou chegar esfarrapado, mutilado, exangue,  
como o leão que volta de uma luta, ferido,  
todo coberto de pó,  
todo manchado de sangue.



## Força Expedicionária Brasileira



**Cabo Davino da Costa Calhares**



## Força Expedicionária Brasileira



**Cabo Luiz Braitt**

— X —

Na esteira do comboio na rota das estradas,  
mordendo o asfalto e arrancando pedras das calçadas,  
vão os tanques de guerra  
martelando a terra  
com algumas dezenas de toneladas de aço.  
Metralhadoras atentas visam o céu.  
Canhões repousam no regaço  
como braços enormes tateando a frente.  
Tanques. Mais tanques. Leves e pesados.  
Segue a fila imponente da blindagem.  
Caminhões gigantes atulhados  
de caixas e mais caixas de rações.  
Canhões. Jipes. Canhões. Ainda Canhões.

As ambulâncias sucedem-se ambulâncias  
com enfermeiras bonitas nas boleias.  
Soldados que vão para o hospital.

Feridos evacuados da luta  
que voltam para os lares.  
Meio-homens. Meio-feras.  
Sobejos de canhões. Deteriorados.

Jipes. Canhões. Munição, Metralhadoras.  
Florestas de fuzis. Um carro com tropa.  
Soldados que voltam de Florença  
com seis dias de sono e noites de prazer,  
ruminando os restos da licença  
numa canção pastosa da Toscana.  
Roucos de gritar e de beber  
enchem de vinho o luar, a terra e o vento.  
O Arnor reflete o firmamento.  
Eles beberam nas taças das mulheres,  
o espumante do amor,  
procurando esquecer na embriaguez,  
a raiva de uma dor  
ou tentando afogar no bojo das garrafas  
uma dúvida cruel  
que teimava em boiar na tepidez do vinho.  
Há ideias como, mulheres, com fôlego de gato.  
Não morrem nem mesmo com carinho.

Na poeira do comboio  
as cidades saltam das estradas.  
Pistoia, Porreta, Sila, Gajo Montano  
e lá no fim,

carrascos armados de cutelo  
destroçando ilusões.  
Soprassasso, Belvedere, Monte Castelo.



## Força Expedicionária Brasileira



**Soldado Benedito Bento Mariano**

— XI —

É o correio, meu Deus – Alguém gritou.  
E saem todos correndo  
em busca de uma carta que chegou.

Este recebeu carta da mamãe. Coitada!  
Diz  
Que está satisfeita e que se sente feliz.  
Não lhe manda nada  
Pois, não tem certeza de poder mandar.  
Dizem coisas por lá que ela não entende  
Mas, ele compreende...  
O resto a censura não deixou passar.  
E concluindo:  
- “Tudo está bem. O cafezal floriu.  
O milharal cresceu.  
Sòmente o cão, desde que tu partiste,  
foi-se tornando triste, cada vez mais triste,  
e numa tarde quente,  
quando o sol morria no poente  
deitou-se. Cerrou as pálpebras. Morreu”.

Aquele, diz a mulher,  
que apesar de ausente,  
julga-o sempre presente  
e cada dia que passa mais o quer.  
"O garoto está crescendo. Está andando.  
Pergunta sempre por você"  
Às vezes quero dizer... Quero falar...  
e termino chorando.

A este outro, diz a noiva querida:  
- "Amor, tu és a minha própria vida,  
toda a minha razão de ser.  
Esperarei por ti chorando ainda.  
E se a beleza expande o sofrimento  
e nela se transforma,  
quando voltares estarei mais linda  
de tanto sofrer".

E o correio passou. Só eu não fui correndo  
em busca de uma carta que sei não escreveste.  
Pois aos poucos vou me convencendo,  
na terra triste onde me encontro, aqui,  
que de tanto chorar já te esqueceste,  
de quem não pode ainda se esquecer de ti.



## Força Expedicionária Brasileira



**Soldado Higino Mendes de Andrade**  
(Veterano da Revolução de 1932)



## Força Expedicionária Brasileira



**Soldado João Luizon**

— XII —

No inextrincável labirinto de Roma,  
eles, um dia se encontraram.

A tarde, ao clarão do sol de Julho,  
tinha reverberações metálicas de balas.  
O Coliseu, velharia imunda,  
manchando a limpidez da Via Império,  
evocava as legiões de Tito.  
O Tibre se enroscava em contorções felinas  
por entre colunatas, templos, monumentos,  
lavando a podridão chagada das misérias  
das cortesãs que o tempo amancebara.  
A hora tinha a lassidão histórica  
De Pompéia, de Rubia ou Messalina.  
O ambiente lembrava a era das orgias.  
Em torno crepitava o fogo das vestais.

Ela era loira, sublime, linda e moça.  
Acabava de sair do sonho de um pincel.  
Olhos azuis, nervosos, cintilantes.  
Boca papaverina, onde um sorriso  
dúbio se esboçava em curvaturas  
para mostrar os dentes como pérolas.  
Dentes que saíam do repouso  
forçado dos racionamentos.

Ele moreno. Híbrido dos trópicos,  
da conjugação de raças diferentes.  
Tinha forma de um deus ou de um demônio.  
No relevo muscular dos membros,  
que Atlas com certeza invejaria,  
estampava-se a raiva, a força e a luta.  
Falaram-se e sorriram.  
Falando pouco se entenderam, mas sorrindo  
entenderam-se melhor do que falando.  
A atração sexual que impões a vida  
e multiplica os seres no universo,  
não se traduz em frases coloridas,  
nem se demonstra em equações algébricas.  
Ela se manifesta vaga num sorriso,  
para se precisar na sucção de um beijo.  
Ele encontrara nessa forma estatutária,  
a materialização dum sonho de criança.  
E ao vê-la assim risonha e enlanguecida,  
sob o fundo monumental da velha Roma,  
O sonho acordou num sobressalto.  
O destino apagara o fogo das vestais.

Ela não tinha ilusões artísticas.  
As recordações que à mente lhe acudiam,  
eram correrias loucas de gendarmes.  
Multidões em tropel, fugindo em massa.  
Emboscadas na noite, a horas mortas.  
A miséria, a desonra e a impunidade  
de crimes que a história registrou.  
Guardava do amor apenas ilusões.  
Formas que divisava em sonhos, fugidias  
e que a realidade ao sol assassinava.  
O seu ideal então se resumia  
num desejo teimoso de fugir.  
Fugir à dúvida terrível  
que o futuro mostrava retalhada  
de fome e perseguição e de misérias.  
No rosto sublime do gigante  
que o destino atirara em seu caminho,  
lia-se a história homérica de lutas  
do homem contra a própria natureza,  
divinizadas pela liberdade.

Liberdade!... Isso doeu-lhe como um berro  
que o pensamento soltasse em pesadelo.  
Liberdade!... Florestas imensuráveis ensombradas.  
Campos que abarcar, a vista não podia.  
Rios enormes, longos, arrancando  
com a força poderosa das correntes.  
troncos gigantescos que rolavam  
sobre os nervos das águas como folhas.  
A variedade de asas coloridas

bailando sobre os ramos trinados.  
Liberdade!... Agora lhe nasciam asas  
e ela iria viver em voos sobre o Universo.

Falando talvez não se entendessem.  
Mas sorrindo  
se entenderam melhor do que falando.



## Força Expedicionária Brasileira



**Soldado José da Silva Reis**



## Força Expedicionária Brasileira



**Soldado Mário de Souza**

— XIII —

A neve já se extinguiu nas faldas das montanhas  
e a terra ressequida,  
ante as fulgurações do sol irradiando vida,  
ergue-se para o céu em vibrações estranhas.

Já se escutam gemer as águas nos penedos  
Despertando as sombras das estradas  
e o silêncio espectral dos arvoredos.

Em breve a vida sorrirá contente  
aos beijos sensuais de um sol mais quente.

E os sonhos que se aqueciam ao fogo das lareiras  
virão confundir-se ao riso dos pardais.

Voltarão enfim, os figos das figueiras,  
o ouro dos trigais  
e as rosas das roseiras.

E as aves que arribaram para o Sul em bando,  
retornarão do Sul cantando.

E aqueles que ficaram nos buracos de neve,  
encravados na serra,  
ouvindo o trepidar da música da guerra,  
volvem o olhar sombrio para o céu azul,  
sentindo-se agitar  
no desejo ardente de querer voar  
como voaram as aves para o Sul.



## Força Expedicionária Brasileira



**Soldado Reinaldo Rolim**



## Força Expedicionária Brasileira



**2º Sargento Aniceto Vieira Branco**

— XIV —

No leito, a meu lado, ela repousa.  
E como tudo o que é belo ela está nua.  
Pela janela do quarto, olhando o céu,  
escuto os berros da cidade,  
no eco abrupto que me vem da rua.

Passa um regimento para o "front".  
Carros, canhões, fuzis, metralhadoras.  
A materialização terrível da verdade  
destruindo entre nós a arte e o belo.  
Ficam apenas visões aterradoras,  
Com arrojados de ferocidade,  
dinamitando a alma em pesadelo.

Em meio da noite desperto.

Gemem perto as barreiras  
estraqalhando as nuvens pelo céu.  
Cones de luz cruzam as trevas  
rasgando estradas para os projeteis.  
Berram sereias lúgubres alertando.  
Minutos de pavor. Estrondos espaçados.  
Gritos em fugas com o gemer do vento.  
Agonias de pedras explodindo  
com berros de granito.  
O medo freia a terra nas curvas do infinito.

Estremecem quadros nas paredes.  
Dança tudo em redor desmoronando.

Quando à noite sucede a luz do dia,  
entre os escombros do silêncio escuto  
a alegria da vida que me vem da rua.  
Entre os destroços do meu leito, ao lado,  
ela adormece para a eternidade.  
E como tudo que é belo ainda está nua.



Segunda Parte



AO SONHO





## Força Expedicionária Brasileira



**3º Sargento Francisco Mathias de Campos**

— I —

Tarde-noite. Crepúsculo de inverno.  
Estrelas brilham alto no céu como diamantes.  
Dançam visões de sonhos sobre a neve.  
Estrondos, berros e explosões,  
rasgam o esplendor quieto da paisagem.

Fugindo ao frio e à tortura do pavor,  
ele se recolheu ao abrigo desse lar estranho  
e ao calor confortável da lareira.  
Lá fora, a neve, o frio, o pesadelo – a guerra.  
Ali dentro, o calor, o entorpecimento – a paz.  
Pelas paredes nuas, perfuradas,  
entre sombras que as chamas exageram,  
descem recordações em desalinho.  
Veem de longe, da recuada infância,  
desde os primeiros anos de existência

e trazem o calor de maternais carícias.  
E na forma de um berço, em cujo bojo, o branco  
de lençóis, fronhas e cortinados,  
envolvem a inocência em sono negligente,  
canta uma voz sonora que lhe embala os nervos.



O dragão saltou do leito de nuvens  
e perguntou berrando :

- Quem foi que eu ouvi chorando?
- Quem foi que eu ouvi chorar?

As estrelas no céu estremeceram  
e responderam lindas, cintilando:

- Nós não estamos chorando.
- Não ouvimos ninguém chorar.
- Não foram as brancas espumas  
sobre o dorso verde do mar?

Mas as brancas espumas responderam  
entre as vagas do mar se estraçalhando :

- Nós não estamos chorando.
- Não ouvimos ninguém chorar.
- Não foram as rosas da terra  
ouvindo o vento sibilar?

Mas as rosas vermelhas responderam,  
pétalas rubras para o chão jogando:

- Nós não estamos chorando.
- Não ouvimos ninguém chorar.
- Quem sabe se as águas do rio...
- Elas gemem sem cessar.

Mas as águas do rio responderam,  
correndo entre caniços, murmurando:

- Não foi o grito da estrela  
sobre o azul a cintilar?
- Não foi o grito da espuma  
se estraçalhando no mar?
- Nem o soluço das rosas  
quando o vento as veio beijar?
- Há sempre luzes no céu.
- Há sempre sons sobre o mar.
- Há sempre vozes na terra.
- Ruídos estranhos no ar.
- Nós não estamos chorando.
- Não ouvimos ninguém chorar.



## Força Expedicionária Brasileira



**Cabo Honorio Negrisoni**

— II —

E adormece como adormecia.  
E sonhos que na memória se esconderam,  
rompem de chofre, o véu do esquecimento.  
Estrelas que riem.  
Flores que falam.  
Fadas loiras e lindas adejando  
como pássaros em bando, sacudindo as asas.  
Alegria.  
Felicidade.  
Matas virgens e verdes.  
Rios em soluços arquejando,  
rascam sulcos na terra engalanada.  
A vida em todo o esplendor se manifesta.  
E no fundo, sinfonia em acompanhamento,  
a voz da saudade cantando à beira da floresta.

Do fundo ameno do passado,

formando o palco das reminiscências,  
abre-se em flor a terra onde nasceu.  
Feliz aquele que na vida pode  
recordar sem pejo os anos que viveu.  
Feliz quem teve a infância e pode um dia,  
mesmo no meio de estranhas coincidências,  
rever sem sobressaltos e repugnâncias,  
quadros cheios de vida e plenos de harmonia.  
Feliz de quem, como esse desgraçado,  
mesmo ante a força da morte que aniquila,  
silencioso desce ao fundo do passado  
e arranca do seio das recordações,  
uma visão escondida atrás de outras visões.

E faz bailar nos olhos da lembrança,  
a terra em que viveu quando feliz criança.



Havia um grande lago e um rio ao sul.  
Ao norte,  
uma floresta verde inteiramente.  
E sobre tudo isto, admirável, forte,  
pairava um céu azul eternamente.  
No meio ficava a minha terra, uma cidade  
ataviada em cores.

Rutilante.  
Embelezava de jardins com flores.  
Mirando-se nas águas com vaidade  
e fitando com ansiedade  
o empíreo a refletir-se em fundo tão distante.

Não havia para mim, no mundo,  
coisa alguma que se comparasse  
ao verde da floresta,  
ao lago azul profundo,  
ao rio que passava entre chorões de festa  
e ao céu eterno a predizer bonança.  
Apenas uma coisa eu compreendia,  
era o fasto de tudo que existia  
nessa cidade que me viu criança.

Mas eu parti.  
A cidade já sei que me esqueceu.  
Talvez já lhe dissessem que eu morri.  
Talvez ela não saiba mesmo quem sou eu.  
Eu que lhe faço agora esta canção  
e que conduzo pelo mundo, ao léu,  
no fundo escuro do meu coração,  
o lago, o rio, a floresta e o céu.



## Força Expedicionária Brasileira



**Soldado Amasilio Paulo de Campos**

— III —

Era assim que lhe acudia à mente,  
a magnificência que lhe cercava a infância.  
É um estado nostálgico em que o cérebro  
toma aspecto de circo ou de ribalta.  
Parece que a alma caracterizada,  
entra para o palco. Curva-se. Sorri.  
E avisa a plateia que ansiosa a espera:  
— Vão desfilar agora em forma de comédia,  
os dolorosos minutos que eu vivi.  
Logo, recordações que enervam,  
que alucinam, pejudadas de saudade,  
despertam como remorsos.  
Um gesto que ficou no coração da gente,  
plantado como um punhal  
ferindo eternamente,  
salta dos bastidores com um bandido embaçado.  
Um sorriso triste. Um adeus. Uma despedida.  
Uma angústia que o tempo não desbaratou  
E ficou a roer-nos o coração e a vida,  
vem despedaçar-se em cheio no tablado.

Assim acudira-lhes à lembrança,  
o minuto que marcara a sua independência  
e arrebatara o seu último riso de criança.



Foi numa tarde límpida e sombria,  
de um mui tristonho mês de primavera.  
Logo ao cair da tarde, à Ave-Maria,  
quando já no horizonte se escondia  
o último raio da luminosa esfera.

Era a hora em que as meigas andorinhas  
voltavam para os seus ninhos gorgeliando,  
desenhando no céu, sinuosas linhas,  
como um grupo de muitas estrelinhas  
pelo infinito a fulgurar cantando.

Quando eu parti. Deixei minha cidade.  
Os verdes campos num painel de luz.  
O doce lago a chorar de saudade.  
A floresta virgem e a infinidade  
de borboletas soltas nos paúis.

Mas eu parti. Com um esforço ingente,  
Tentei afogar essa dor tenaz.  
Tinha nas mãos o coração fremente.  
Não via o mundo rindo à minha frente.  
Via somente o que ficava atrás.



## Força Expedicionária Brasileira



**Soldado Benedito Morelli**



## Força Expedicionária Brasileira



**Soldado Itaboraí Marcondes Machado**

— IV —

E parte para a jornada através da existência.  
Atrás, repleta de desejos,  
ansiosa e cheia de acidentes,  
ficara a infância entre brinquedos fúteis.  
Em frente, sinuosa, áspera e rude,  
rasgava-se afinal a estrada do futuro.

Como quem leva uma mensagem urgente  
e precisa entregá-la antes que a noite chegue,  
meteu-se pela estrada alucinadamente,  
no passo dos correios, em demanda  
da primeira posta ou do primeiro albergue.  
Em caminhadas rudes se esgotara.  
Vencera com denodo as atribuições.  
Às horas da miséria. Os dias de labor.  
Às noites prolongadas de vigílias.  
E fugindo ao sorriso das mulheres  
foi cair na armadilha que lhe fizera o amor.

Ela era linda, sim. E a uma mulher tão linda,  
ele daria a vida se pudesse ainda  
começar a viver uma outra vez.

E dentro da noite que se estende agora  
na dramaticidade atroz do pensamento,  
fica esperando-a como a esperava outrora.



E esta noite que não acaba mais!...  
E noite, noite sempre...  
E sempre noite.

Lá fora a agitação elétrica da rua:  
— o trepidar dos bondes  
— o chiar dos autos sobre o asfalto.  
— O grito das novelas  
na voz colérica dos alto-falantes,  
fugindo pelos rasgões escuros das janelas.  
Um ruído nervoso, elástico e profundo,  
que cresce cada vez mais e se acentua  
como um ladrar de cães, enchendo o mundo.  
Das sombras das lâmpadas revoa,  
com arrulhos de pombas ofegantes,  
a volúpia do amor em nuvens de garoa.

E noite.  
Noite sempre e sempre noite.

E com a noite  
meu quarto se encheu de vultos gigantescos.  
Tantos são que não posso contê-los.  
E das sombras dos móveis, oscilando  
ao clarão da lâmpada pendente,  
surgem continuamente  
mais sombras que se vão avolumando.  
Fere-me o tormento  
de não poder fazer dormir o pensamento.  
Parece que a noite se encheu de pesadelos  
querendo amedrontar-me  
porque me encontro só, na nostalgia  
desta noite longa. Longa e fria.

E noite.  
Noite sempre e sempre noite.

Amanhã, porém, se ela chegar. Vir ter comigo.

Na graça inebriante de uma deusa nua.  
No sonho medieval de um quadro antigo.  
Quero que essa rua  
se encha de alegria,

de ruídos de bondes e de ladrar de cães.  
E essa tristeza  
se afunde em nuvens densas de garoa.  
Quero que a cidade enlouqueça de vida e os campos  
se enfeitem de luzes e de pirilampos.  
Tudo endoideça de felicidade.  
E seja sempre noite. Noite sempre.  
Uma noite que dure a eternidade.



## Força Expedicionária Brasileira



**Soldado Joaquim Arcanjo de Carvalho**



## Força Expedicionária Brasileira



**Soldado Leandro Paulino da Cruz**

— V —

Diante do fogo a arder no conforto do quarto,  
desfilavam as imagens como um filme.

Vivo. Colorido. Real.

Ali estava o seu quarto abandonado e triste  
e ele fitando através da vidraça embaçada,  
a agitação da noite entre a garoa.

Um toque-toque de saltos na calçada.

O ranger suave dos degraus  
sob o peso de um corpo pequenino.

Enfim, entre o retângulo da porta,  
em toda a amplitude do pensamento,  
a grandeza da ansiedade num casado de lã.

Ela voltara. Mas depois. Um dia, a morte  
cerrou-lhe os olhos dolorosamente.

E seu coração angustioso se desfez  
em versos lacrimosos.

E a alma se transformou nas rimas borbulhantes  
que cantavam a dor de uma separação.



Ela voltou. Não sei por que voltou.  
E agora vai partir.  
Vai deixar-me como de outra vez já me deixou.  
Era melhor não vir.  
Que veio fazer?  
Veio trazer recordações  
e despertar em minha alma angustiada,  
uma rubra manada de novas ilusões.

Eu já a tinha esquecido felizmente.  
Nem mais pensava nela, quando,  
um dia voltou tão triste e docemente,  
chamou por mim chorando.  
- Que queres? – perguntei.  
Ela, mais triste, murmurou:- Voltei.  
Vim buscar aqui,  
a felicidade que eu perdi  
e que não pude levar.  
Quis dizer-lhe, embora contrafeito:  
- Já não encontrarás aqui, felicidade.  
Do nosso lar antigo, da nossa amizade,

nada existe mais.  
Nosso amor está desfeito.  
Eu já esqueci tudo o que foi teu.  
Até o fantasma da ausência  
que vivia a atormentar-me a consciência,  
desapareceu.  
Mas eu não pude resistir.

Com ela,  
os sonhos regressaram.  
Tornou-se a vida para mim, tão bela,  
que os meus temores todos se esquivaram.  
Ela trouxe consigo  
nas espirais de seu perfume antigo,  
nas ondulações de etérea fluidez,  
aquele mesmo sorriso impreciso,  
com que me cativou mais uma vez.

E agora vai partir. Que desventura!  
Vai deixar o nosso ninho.  
Vai fazer regressar toda a amargura  
do isolamento. Eu vou ficar sozinho  
entre ilusões  
e recordações que despertou.  
O castelo destruído,  
após reconstruído  
desabou.  
Mas agora que vai definitivamente,  
deixar-me doido sem poder contê-la  
e sem poder esquecê-la  
novamente.



## Força Expedicionária Brasileira



**Soldado Miguel França**



## Força Expedicionária Brasileira



**Soldado Antonio Leonel de Medeiros**

— VI —

Perto, o vendaval da guerra estraçalhava a vida  
escavando túmulos na neve.

Era o ensurdecedor barulho da tormenta  
derrubando troncos gigantescos.

E por onde passava em rolo compressor,  
sepultava na terra o esforço humano  
que na imponência da arte se imortalizara.

Ia a miséria na trilha tenebrosa,  
vergastando corpos, almas dilacerando.

Era o ódio livre em bacanal de sangue,  
num sadismo oriental estrangulando  
mil esposas impúberes num dia.

Longe, o pensamento se arrimava  
Em reminiscências doces, evocando  
saudades em verso. Nesse entorpecimento,  
sem sentir que a morte se aproxima,  
recorda um materno sorriso, o derradeiro.



Saudade!... Uma casinha branca meditando  
à beira da floresta e o lago murmurando  
apaixonado, perto, uma canção sombria.  
Saudade!... Muito longe, a velha casaria  
da cidade distante , ri-se e reverbera  
à luz do sol a arder no fim da primavera .  
Saudade!... O céu deserto, ardente e luminoso,  
Com tons róseos de luz. O campo majestoso,  
onde o gado ruminava à sombra das mangueiras,  
sob ventilação dos leques das palmeiras.  
Estradas ondulantes, brancas e arenosas,  
por onde vão passando tristes, vagarosas,  
as manadas que veem do fundo dos sertões,  
tocadas pelo canto grave dos peões.

E à sombra da casinha branca, meditando,  
sorrindo para mim, a minha mãe cantado.

Saudade!... O sol tombando por detrás do monte,  
entre nuvens de sangue presas no horizonte.  
Bando de aves alegres, volta em revoada  
ao silêncio dos ninhos. Em trote, a manada,  
de bois, deixando o campo e a sombra dos mangais,  
regressa taciturna ao sonho dos currais.

Indefinida, a noite, contorcendo o céu,  
estende sobre o campo, um nebuloso véu.  
Na capela isolada em meio da serra,  
vibram sinos gemendo tristes. Ave Maria!  
Tudo é tristeza enfim. Na solidão intensa,  
arde em meu coração uma fogueira imensa,  
em que se vai queimar o próprio pensamento,  
jogando-se depois num mudo esquecimento.  
No torpor, abstrato em torno do que existe,  
eu me sinto mais só, mais desgraçado e triste.

Na soleira da porta, pálida e fitando  
O céu escurecendo, a minha mãe rezando

Saudades!.... E depois, a mocidade. A vida,  
para lá das montanhas negras escondida.  
Misteriosa e fugaz... Um barco a balouçar.  
Um lenço que se agita sobre o azul do mar.  
Um adeus que se diz a alguém que se despede.  
Um beijo que se manda e um beijo que se pede.  
Esse momento triste que se grava forte  
em nossos corações e vai até à morte.  
Chorando a toda hora ou rindo a todo instante.  
Trazendo sempre perto, um ser que bem distante,  
vive por nós orando. E nessa ansiedade,  
a vida se resume enfim numa saudade.

Na soleira da porta, os braços levantando,  
num adeus para mim, a minha mãe chorando.



## Força Expedicionária Brasileira



**Soldado Victório Nalesso**

— VII —

Súbito, a noite se tingiu de luz,  
qual Árvore de Natal, enorme,  
que se apoiasse nos flancos da montanha  
e fosse esconder os ramos no infinito.



O matraquear contínuo das defesas,  
risca nas trevas traços fulgurantes.  
Estradas de luz cruzam a noite.  
Movem-se feixes luminosos  
rebuscando os côncavos do céu.  
Lâminas de aço cortam cintilando,  
asas que fogem, perfurando-as,  
após rastro de fogo e fumo, tombam  
aves estranhas pelo firmamento.

E nessa trajetória, com os destroços,  
veem corpos ardendo , esfacelar-se em terra.

Ele sonha ainda.

O fogo na lareira se extinguiu  
quase apagado pela mão do instinto.  
Dentro das trevas, alongando-se,  
o pensamento agarra-se a fantasmas,  
numa embriaguez sedenta de carícias.  
Um grito corta a noite.  
Um corpo monstruoso, pesado e indefinido,  
arrebenta-se no solo espatifando-se.  
E funde-se depois em chamas projetando  
estilhaços mortíferos em torno.

Tudo derrui num estrondo.  
Sob os escombros desse lar estranho,  
a arder numa fogueira,  
sepulta-se o pracinha com os seus sonhos.



Terceira Parte



À GLÓRIA





Reinauguração do Monumento aos Pracinhas Itapetinganos na sede do Tiro de Guerra (2014)

— I —

Manhã de primavera. Luz por toda parte.  
O sol aquece o dorso das pedreiras.  
Cantam pássaros em torno das ameias  
de velhos castelos medievais.  
Há risos de crianças nas sombras das ruínas.  
E entre os ramos verdes das roseiras,  
desabrocham rosas voluptuosas  
como bocas vermelhas suplicando beijos.

Assim deve ser a paz, quando o Universo,  
abalado na forma e na estrutura  
modificar o rumo essencial da vida.  
Assim deve ser no fim, quando as trombetas  
reboando no vale do silêncio, anunciarem  
a vinda do Senhor e o momento fatal,

em que se abrirá de vez a sepultura  
onde se encerrará definitivamente,  
toda a incoerência tétrica do mal.  
E os leões, os tigres e as panteras,  
as feras que habitam as selvas ignotas,  
monstros esquecidos, tudo o que a terra produz  
de perverso e cruel, pastar como cordeiros,  
entre os seres felizes que viverem  
sob as radiações divinas de uma nova luz.

.....  
.....

À tropa , em silêncio, comprimida  
pela disciplina austera das fileiras,  
aguardava a leitura da ordem que, diziam,  
para ela traria novas alvissareiras.  
O comandante, no alto de um tablado  
erguido sobre caixas vazias de rações  
lera um longo discurso adrede preparado.  
Elogiara a moral e o ânimo da tropa.  
Agradecera a cooperação dos que combateram  
e dos que serviram em todos os misteres  
na luta que fora um inferno. Essa conflagração.  
No furor do entusiasmo que o agitara,  
terminou nervoso e feliz a todos proclamando  
que o inimigo capitulara e que capitulando,  
dava por finda a luta. A guerra terminara.

Quem não viu, lendo dá o que pensar,  
que um berro, um berro titânico, perfeito,  
acordasse dos peitos fortes desses homens  
e reboasse uníssonos como um grito  
terrível e descomunal de estranho peito.  
Assim deveria ser. É a lei das deduções  
com que se estabelece o peso da matéria  
e a trajetória sequente das estrelas,  
no acaso feliz das relações.  
Assim deveria ser. O próprio confronto  
das expansões de nossos sentimentos,  
impele-nos a pensar que assim seria.  
Se contar-vos fosse que assim foi,  
cometeria um crime – eu mentiria.

O assombro final foi bem diverso.  
Alongou-se um silêncio tão grande que não cabe  
dentro das dimensões harmônicas de um verso.

Quem sabe o assombro. O espanto.  
A alegria de viver, de voltar a sentir outra vez  
o sabor da existência que mantinham ativo  
dentro de um círculo vivo de saudades?  
Quem sabe se a dúvida acordada  
pela notícia abruptamente ouvida?  
Quem sabe, tudo isso tolheu-lhes a expansão  
e o gesto se imobilizou no pensamento?  
Deve ter sido assim. Só pode ter sido assim.

Engana-se se assim pensa alguém.  
Nessa suposição eu me enganei também.

Como é difícil penetrar o pensamento alheio  
e querendo satisfazer uma curiosidade  
o comandante veio:

— Que se passa convosco? Este silêncio?  
— Tendes alguma coisa que dizer? Falai!

Sentem-se os homens à vontade.  
E rompendo o silêncio, o primeiro falou.

— “Tenho um lar, uma esposa e um filho pequenino.  
Eu era o mais feliz dos homens sobre a terra,  
embora na miséria enorme que vivia.  
Dentro do nosso lar, mesmo faltando pão,  
sobrava-nos amor.  
E se nos faltava o estímulo da vida  
sobrava-nos a fé.  
E quando vendo alegria sobejando aos outros  
ou víamo-nos nós envoltos na ansiedade,  
sentíamos a esperança arder dentro de nós.  
Tínhamos Deus.  
Pouco importa a vida que se tenha.  
Quer no seio da miséria, quer no seio da abastança,  
não chega poder viver,

é preciso ter fé, ter esperança.  
Vivíamos assim. Um dia, porém,  
a guerra sobrando aos outros,  
veio por ironia, sobrar para nós também.  
Como os outros, parti.  
Como os outros, lutei.  
Desde o primeiro dia, a cólera da luta  
despertou em mim um sentimento estranho.  
Queria estar sempre onde estivesse a morte.  
O primeiro a morrer nas minhas mãos,  
ao tombar junto a mim ensanguentado,  
acordou no cérebro um bandido  
que eu trazia comigo inconscientemente.  
Desde então não me posso conter.  
Com a sensação da luta e a ânsia de viver,  
vem-me esse desejo horrível de matar.  
Agora, voltando à miséria do passado,  
sabendo que poderei matar e destruir,  
constrange-me entretanto,  
o horror tremendo de não resistir.

Voltando a encarar meu filho,  
a hediondez do mal que pratiquei,  
temo sentir no olhar do pequenino.  
Vim para a guerra quase um santo.  
Volto para casa um assassino.

.....  
.....  
.....

Um outro falou. Chorava.

“ Eu não quero voltar.  
Também não quero ficar nesse inferno.  
Voltar por que?  
Nada me prende mais à terra onde nasci”.  
E num soluço forte – “Minha mãe morreu.  
Morreu na noite do mesmo dia em que parti.  
Não pôde conformar-se com a separação  
do filho que partira para a guerra.  
E o coração matou-a. O coração...”  
Interrompeu-se outra vez a soluçar.  
Um soluço terrível e profundo,  
Com intermitências coléricas, ferozes,  
que saíam como berros insultando o mundo.  
Depois, num suspiro trágico e nervoso:  
— “ Era tudo o que ainda me prendia à vida.  
Todas as tardes, quando eu regressava  
exausto, da oficina, ao abrir a cancela  
que dá para o jardim,  
lá estava minha mãe sorrindo  
entre a moldura verde da janela,  
qual uma santa implorando ao céu por mim”.

E rude, com a raiva brilhando no lampejo do olhar:  
— “Agora eu vou voltar.  
Rever o esplendor do mesmo céu azul.  
A mesma floresta verde e exuberante  
afrontando com os ramos o infinito.  
Rever os morros que se alongam

quais monstros de pedra ressoando  
em sons de granito.  
Rever as praias brancas voluptuosas  
entre os beijos do sol e as carícias do mar".  
E com mais raiva ainda: - "Rever a minha terra  
coberto de cicatrizes e condecorações.  
Um herói que a vida arrebatou dum inferno – a guerra,  
para um inferno maior cheio de decepções".  
E mordendo nos lábios a dor que o compungia,  
concluiu grave e desoladamente:  
— " Sei que tudo estará assim como estava outrora.  
Cheio de sonhos da minha meninice.  
Cantam pássaros em bando nas ramagens.  
Correm rios em leitos de pedras, entre flores.  
Rolam fontes a rir dos seios das pedreiras.  
Pastam rebanhos soltos nas campinas.  
Sobre a alegria fulgida na terra,  
tombam raios de luz de um sol ardente.  
Mas quando eu voltar exausto da oficina  
e pressuroso correr para a cancela,  
encontrarei a casa, as flores, o jardim,  
mas não encontrarei a minha mãe sorrindo,  
como estava sempre a esperar por mim " .

.....  
.....  
.....

Um terceiro falou. Este não chorava.  
No olhar sombrio, onde visões de sangue

plasmaram tragédias violentas,  
brilhava a cólera dos bravos,  
com impotentes lampejos de furor.  
Vibrava sem sua voz, a dor encarcerada  
de algo que ele sentia e não compreendendo,  
não podia com acerto definir.

— “É preciso voltar. Nós voltaremos.  
A luta para nós, porém, não terminou.  
Se fosse apenas matar, lavar com sangue  
a grandeza do ideal que nos trouxe à guerra,  
seria preferível morrer. Sobreexistir  
após a hediondez da luta em que vivemos,  
com os mesmos vícios e as fraquezas  
que jogam contra si as multidões,  
é retardar o momento  
de uma explosão maior, mas desastrosa.  
A luta para nós não terminou. É preciso destruir  
preconceitos enraizados nas nossas tradições.  
É preciso aniquilar aqueles que insultam  
os nossos sentimentos,  
explorando a negligência da miséria humana”.

Oh! vós que viveis no seio da opulência  
desfrutando os erros da desgraça alheia. Tremei!  
Há uma raiva surda a arder como um rastilho  
dentro dos corações que a sorte apedrejou.  
A humilhação sublime a que se obrigam

aqueles que rasgam à força, a selva da existência,  
tem o mesmo pendor da nitroglicerina.  
A negligência em que viveis, espanta.  
Cuidado! Ela pode um dia, por descuido,  
atear o incêndio retardado  
pela esperança dos reivindicações.  
Nazismo! Fascismo! Comunismo! Nada. Monstros  
tentando saciar a fome na utopia.  
Tudo o que se funda na desigualdade,  
Estabelecendo castas e hierarquias,  
Não pode resistir ao exame da razão.  
É preciso destruir ressentimentos,  
ambições, complexos malévolos,  
as fúrias imorais do instinto humano.  
Dar ao dever mais força que ao direito.  
Dar amplitude à lógica da vida,  
dentro dos princípios morais das leis divinas.  
Mas se o vosso egoísmo se recusa, vivei!  
Destruí o foco do descontentamento,  
eliminando o ovo da miséria antes de fecundar.

É preciso voltar. Nós voltaremos.  
A luta para nós, porém não terminou.



Desfile dos pracinhas itapetininganos na Avenida Campos Sales (1945)

— II —

O último berro do canhão morreu.  
Morreu com ele também o último gemido.  
A guerra terminou.

Mutilações. Membros esfacelados.  
Órbitas vazias. Olhos que não veem.  
Cidades em pedaços.  
Arames. Máquinas ao léu.  
Destroços fumegando.  
Ecos de estampidos que já se extinguiram.  
A morte devora os restos.  
Risos de esperança em faces macilentas.  
Trustes. Explorações.  
Especulações ilícitas.  
Filas.  
Miséria.  
Fome.  
A guerra terminou.

Ao último tiro sucede o grito frenético  
de multidões em jubilo.

Flores por toda parte.

Música.

É a alegria que volta  
fantasias de cores, enganando.

A glorificação dos vivos que regressam.

Preces aos mortos que não voltarão.

Explosões de entusiasmo em chamas.

A vida retorna o ritmo do esforço,  
como quem volta à atividade  
depois da enfermidade longa e perigosa.  
Sobre a face da terra, uma alegria doida,  
enche de encanto a vida.

Música.

Flores.

Entre tudo isto,

Expandem-se num sonho o riso da mulher.  
E a mulher tem na boca avermelhada e linda,  
rubro como a pele sanguínea das maçãs,  
o beijo sensual intoxicante,  
que o homem sabe que mata envenenado  
mas vai se deixando sempre envenenar.

Olhos azuis entre cachos dourados.

Olhos negros a rir entre cabelos negros.

Beijos. Risos de mulher.

A alegria a romper do bojo das garrafas.

Música.

Flores.

Filas.

Miséria.  
Fome.  
A guerra terminou.

E o homem,  
O herdeiro do símio das cavernas.  
Estúpido. Brutal. Dominador.  
Atira-se com fome à glória das conquistas  
e aos sonhos de ambição.  
Rouba do mar as pérolas.  
Da boca da terra ensanguentada  
ouro, brilhantes, pedras coloridas.  
E das entranhas escuras das cavernas,  
arranca o carvão e o ferro  
para fundir o aço,  
para forjar canhões  
para outras guerras.

A guerra terminou.  
Preparemos a guerra.



Inauguração do Monumento aos Falecidos em Combate na Revolução de 1932 e na 2ª Guerra Mundial Cemitério da Irmandade do Santíssimo Sacramento em Itapetininga/SP (2012)

— III —

Este voltou cego.  
As órbitas agora,  
acomodam olhos que não são os seus.  
O cérebro, o coração e o sangue vivem.  
Faltam-lhes contudo, os órgãos da visão  
por onde absorvia a seiva da existência:  
-- as formas e as cores --  
que dão força e vigor ao pensamento.  
Sente-se feliz. Regressa.  
Chega afinal ao lar que há muito almeja.  
Avança tateando pelos degraus da entrada.  
Procura mover o trinco como outrora,  
quando voltava ansioso do trabalho.  
Entra sofregamente .  
Vem-lhe ao encontro a esposa apaixonada.  
Aperta-a nos braços.  
Busca-a com os sintéticos olhos e ante  
a impossibilidade de vê-la  
e sentir-lhe o olhar,  
explode numa cólera que abrasa  
com termos que ferem o senso da moral.

A dor é como a fome. Não se amolda  
às pragmáticas de moral pregada.  
Surge. Explode. E ao explodir  
arrebenta com a força da desgraça  
as férreas cadeias do decoro.  
A blasfêmia é a panaceia universal que aplaca  
o vulcão que acende em nossos corações  
o despeito, a ira ou a dor.  
Mas num verso não cabe uma blasfêmia.  
O poeta vos diz então, que ele dizia :  
- Como hei de saber se há luz  
se não vejo o sol!  
Como hei de saber se és tu se eu não sinto  
o brilho do teu olhar buscando o meu!  
Como hei de viver se já não vejo  
estrelas no céu e flores no jardim!

Malditos sejam aqueles que criaram  
os tiranos, os sátrapas e os reis  
e humildes os serviram como escravos!  
Malditos sejam aqueles que jogaram  
com a confiança dos povos deturpando  
a expressão fiel do pensamento!  
Malditos sejam os que fundiram o aço  
e os que forjaram as armas  
e os que fizeram as guerras!  
Pode o que vê avaliar um instante  
uma existência encarcerada em trevas!  
Diante do esplendor da vida  
pode o que vê sentir-se como me sinto agora?

E tu que enriqueceste com a minha desgraça  
hás de sentir um dia a minha maldição!  
Minha voz reboará no grito da metralha,  
no berro do canhão  
e no estilhaço das granadas  
distribuindo morte!

Dentro de sua noite infinita  
surge a voz da esposa meiga e dedicada:  
- "Meu amor, escuta. Exulta  
na eternidade do amor que nos enlaça.  
Viverás por mim e eu viverei por ti.  
Através dos meus olhos sentirás  
o deslumbramento da vida em evolução.  
Vê. É dia. Há sol e o céu é sempre azul.  
Pássaros em bandos revolteiam  
em torno das árvores em flor.  
Sob o signo feliz da primavera  
desabrocham rosas no jardim.  
Aberta-me em teus braços.  
Na tua imaginação, o colorido  
do último dia em que me viste  
cerca o perfil da minha juventude.  
E assim me verás eternamente.  
Aberta-me mais e muito mais!  
Unidos viveremos. E quando a morte chegar  
espatifando a vida, unidos partiremos  
para o seio paternal de Deus,  
em busca do reino universal do Amor.





## Força Expedicionária Brasileira



**1º Tenente José Ribamar de Montello Furtado**

# Santo Montello

## Um esboço biográfico

José Ribamar de Montello Furtado (Santo Montello), autor de **Continência à Morte**, nasceu a 17 de outubro de 1901, no município de Viana, Maranhão. Filho do Sr. José Mariano Furtado e de D. Balbina de Santo Montello Furtado, ele foi primo do economista Celso Furtado (1920-2004) e do embaixador Josué de Souza Montello (1917-2006), 4º ocupante da cadeira de nº 29 da Academia Brasileira de Letras.

Desde a adolescência, o jovem maranhense José Ribamar soube dar mostras de seu elevado senso de civismo e cidadania, mesmo em meio às dificuldades que enfrentou e obstáculos que superou nas humildes origens que teve no pequeno vilarejo interiorano de Viana no início do século passado. Sua vocação pela carreira das armas manifestou-se logo cedo em resposta ao seu crescente anseio por servir à Pátria.

Certo desse desiderato, José Ribamar se muda para a capital São Luís, onde senta praça no 24º Batalhão de Caçadores (atual 24º Batalhão de Infantaria Leve) a 1º de novembro de 1922.

Fundado em 1839, o 24º BC recebeu por portaria ministerial de 12 de julho de 1997 a denominação histórica de “Batalhão Barão de Caxias” em memória ao então coronel de infantaria Luiz Alves de Lima e Silva, futuro Patrono do Exército Brasileiro e Duque de Caxias, o qual a 4 de fevereiro de 1840, assumiu a presidência e o comando da armas da província do Maranhão para pacificar a rebelião regencial da Balaiada (1838-1841).

Em matéria publicada na edição de 31 de outubro de 1922 do jornal Diário de São Luiz do Maranhão, Anno III, nº 256, constam principais deliberações do Boletim Interno do 24º BC referentes ao dia 1º de novembro de 1922, entre as quais destacamos (na ortografia da época):

*Foram mandados inspeccionar de saúde, para efeito de matrícula ao exame de admissão à E.S.I. as seguintes praças: ... anspeçada ... soldados ... José Ribamar de Montello Furtado ...*



Na Revolução de 1924



Na Revolução de 1932

Desta publicação e no que consta no Decreto nº 14.331, de 27 de Agosto de 1920, o qual aprova o regulamento da Escola de Sargentos de Infantaria (E.S.I) inferimos que o jovem José Ribamar ingressou no Exército Brasileiro, na referida data com destino à carreira militar que ali se iniciava na graduação de soldado, mas tinha em vista sua futura matrícula como aluno daquela escola de formação de sargentos para a arma de Infantaria.

O exame de admissão para essa escola exigiria de José Ribamar, além da aprovação em Inspeção de Saúde, duas outras aprovações, quais foram, prova escrita sobre conteúdos de língua portuguesa, aritmética e geometria e uma prova oral versando sobre conteúdos dessas mesmas disciplinas. Segundo o artigo 11 do regulamento da E.S.I, essas duas provas tinham por finalidade aferir o “gráo de intelligencia e de vivacidade dos examinandos” (ortografia no original).

Outras informações referentes a carreira militar de José Ribamar após a conclusão do curso de formação de sargentos puderam ser colhidas junto à 14º Circunscrição do Serviço Militar em Sorocaba e na Diretoria de Cívís, Inativos, Pensionistas e Assistência Social em Brasília, tendo contribuído também para elas documentos pessoais dele em posse dos descendentes.

De fato, quando de seu casamento com D. Anezia de Oliveira Rosa, no município de Taquaritinga, a 10 de dezembro de 1929, encontrava-se José Ribamar servindo no Tiro de Guerra daquela cidade do interior do Estado de São Paulo e na graduação de 2º Sargento da arma de Infantaria.

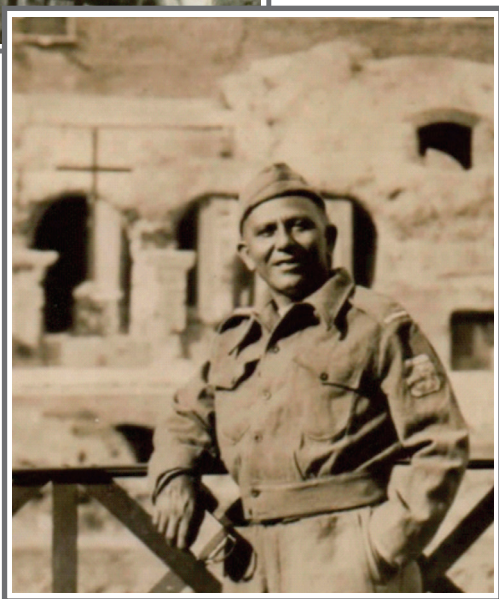
De informes colhidos com familiares, constatamos que ele participou na Revolução de 1932, ao lado de São Paulo, em unidade do Exército Brasileiro que aderiu à causa constitucionalista. Com o armistício em outubro daquele ano, acreditamos que ele deva ter permanecido no Estado de São Paulo.

Não muito depois, serviu José Ribamar no Tiro de Guerra de Catanduva, SP. Sua atuação como instrutor e chefe da instrução na formação de reservistas para o Exército Brasileiro parece ter sido uma constante em sua carreira militar na qual dedicação, austeridade e profissionalismo foram sempre suas características mais marcantes.

Já no ano de 1944, encontrava-se José Ribamar servindo no 5º Batalhão de Caçadores, unidade de Infantaria



Em Camaiore  
1944



No Coliseu de Roma  
1945

que sediada esteve em Itapetininga nos anos de 1935 a 1947. Foi dela que partiram três dezenas de voluntários itapetininganos para integrarem a Força Expedicionária Brasileira (FEB) com destino ao teatro de operações italiano nos vários escalões que para lá seguiram nos meses de julho, setembro e novembro de 1944.

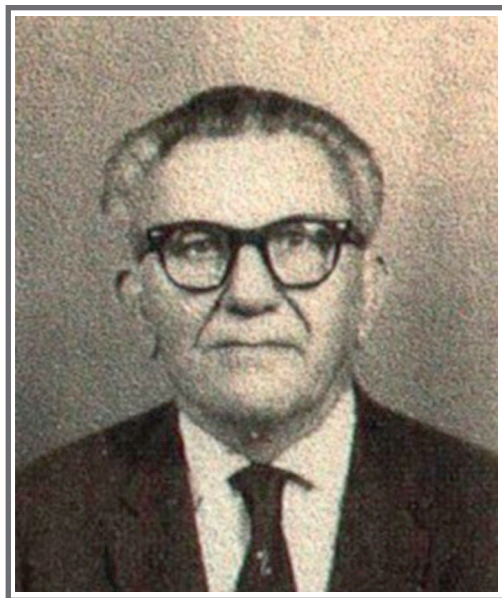
Ocupando então a graduação de Subtenente, José Ribamar de Montello Furtado, aos 42 anos de idade e 22 anos de carreira militar foi um desses voluntários, sendo transferido do 5º BC para o 1º Regimento de Infantaria da FEB, o lendário “Regimento Sampaio”.

O 1º RI em que José Ribamar foi um de seus integrantes participou de operações divisionárias nos Apeninos, do Reno ao Panaro e, depois, no Vale do Pó, mas foi nos combates ao Monte Castello que seu regimento logrou uma das maiores glórias para as armas brasileiras. As palavras de elogio consignado ao Regimento Sampaio no Boletim do Exército de 12 de Janeiro de 1946 melhor ilustram as resultantes desse inesquecível feito:

*... a conquista da forte posição inimiga de Monte Castello, em cujo ataque, na manobra da Divisão, desempenhou com ardor a ação principal e decisiva e depois sua denodada resistência no combate de La Serra, que constituem, sem dúvida, as passagens mais dignificantes e de maior emoção vividas pela Força Expedicionária Brasileira no Teatro de Operações da Itália. Nesses árduos combates, contra um inimigo obstinado e aguerrido, os soldados do 1º Regimento de Infantaria fizeram reviver as virtudes militares dos soldados de Sampaio.*

De fio a pavio, o Subtenente José Ribamar esteve em campanha na Segunda Guerra Mundial. Do que ele viu, vivenciou e lutou, sua inteligente pena e perspicaz percepção consignaram nas poesias que perfazem sua obra literária máxima, **Continência à Morte**, seu maior legado que ele, no seu íntimo, sabia que haveria de deixar às gerações futuras.

Outrossim, após o fim da guerra em maio de 1945, retornou ele a Itapetininga, município onde já havia estabelecido família e vínculos sociais que levaria para o restante da vida.



José Ribamar de Montello Furtado  
aos 70 anos

Pelos relevantes serviços prestados junto à FEB em ações de combate no teatro italiano contra forças nazi-fascistas, José Ribamar foi agraciado com a Medalha de Campanha e a Medalha de Guerra.

Pouco menos de ano e meio depois de seu retorno ao Brasil, por decreto de 18 de outubro de 1946, o Subtenente de Infantaria José Ribamar deixava o serviço ativo para ingressar na reserva de 1º classe do Exército Brasileiro em concordância com o Artigo 74 do decreto lei de nº 3940 de 16 de dezembro de 1941. Por força do Artigo 54 desse mesmo decreto lei, sua passagem para a reserva lhe conferiu o direito à promoção ao posto de 2º Tenente da reserva de 1º classe.

Por decreto de 16 de outubro de 1952, José Ribamar foi promovido ao posto de 1º Tenente pelos seus serviços de guerra na Itália em concordância com a Lei nº 288 de 8 de junho de 1948.

Por ter atingido a idade limite como 1º Tenente da reserva de 1º classe, em concordância com a Lei nº 2379 de 9 de dezembro de 1954, José Ribamar teve sua carreira militar encerrada ao ser reformado neste posto por decreto de 26 de maio de 1964.

Mas alguns anos antes de sua reforma, estando na reserva, José Ribamar ainda prestaria um serviço à sua Pátria que foi a publicação de **Continência à Morte**, no ano de 1951, sob o pseudônimo de “Santo Montello”, nome do meio de sua mãe D. Balbina de Santo Montello Furtado.

E foi por intermédio desse livro, na essência e profundidade dos versos que escreveu, que possível foi a ele arregimentar a memória e os feitos de todos os seus camaradas itapetininganos que com ele deixaram o 5º Batalhão de Caçadores para tomarem das armas na luta pela Liberdade pela Democracia.

Nestes setenta anos de comemoração do Dia da Vitória (1945-2015), seus dignos amigos, familiares, admiradores, estudiosos e entusiastas podem ter em mãos suas palavras, sua expressão última que sobrepuiu a morte à qual ele prestou a sua derradeira continência em 27 de maio de 1983, três dias depois do Dia da Infantaria, 24 de maio, arma que José Ribamar soube honrar, tanto na paz quanto na guerra, desde quando sentara praça soldado no lendário Batalhão Barão de Caxias.

José Ribamar de Montello Furtado foi sepultado no Cemitério Municipal de Itapetininga. Seu túmulo encontra-se à poucos metros do jazigo do 5º Batalhão de Caçadores, unidade na qual fora um de seus melhores subtenentes.

Homenageado pelo Tiro de Guerra de Itapetininga com sua fotografia na Galeria presencial (1995) e virtual (2011) dos Ex-Combatentes Itapetininganos da FEB no endereço <https://tinyurl.com/3d74tkv6>; pela Prefeitura Municipal de Itapetininga com seu nome inscrito no Monumento aos Pracinhas Itapetininganos (2005); pelo Portal dos Ex-Combatentes de Itapetininga com uma placa alusiva a sua condição de pracinha da FEB afixada em seu túmulo (2014) e com a organização desta edição comemorativa dos setenta anos do Dia da Vitória de **Continência à Morte** (Regional, 2015), José Ribamar de Montello Furtado, bem como seus trinta e três companheiros itapetininganos partícipes da Segunda Guerra Mundial, longe estão de serem esquecidos.

Seus cinco filhos, Rachima, Maria Aparecida, Thomyres, José Ribamar, e Terezinha, onze netos Nadia, Wladmir, Alexander, Leonardo, Ana Paula, Luis Fernando, Márcia, Antônio Edison, Sandra, Flávia e Márcia, seus quinze bisnetos Karen, William, Natália, Felipe, Samara, Gabriel, Ana Clara, Lorenzo, Giovani, Gustavo, Guilherme, Juliana, Gabriela, Isabela e Beatriz e seus descendentes futuros serão sempre testemunhas incontestas disto.



**Professor Jetterson Biajone**  
Portal dos Ex-Combatentes de Itapetininga/SP

8 de maio de 2015

## À Memória

Dos que tombaram no campo de batalha  
Lutando peito a peito  
ou afrontando com o peito o fogo da metralha.

Dos que desceram do céu, em negros novelões,  
em longa espirais de fumo, fogo e gás,  
na trajetória fatal dos aviões.

Dos que afrontando com furor insano  
a raiva do oceano,  
de corpos encheram o mar de sul a norte.

Dos que, no cumprimento do dever  
e em defesa da pátria,  
fizeram também seu “rendez-vous” com a morte.



**José Ribamar de Montello Furtado**  
1º Tenente e Pracinha da Força Expedicionária Brasileira

8 de maio de 1951



Monumento Nacional aos Mortos da 2ª Guerra Mundial no Rio de Janeiro (2015)



# Celebração dos 70 anos do Dia da Vitória em Itapetininga/SP

Na noite do dia 8 de maio de 2015, sexta-feira, realizou-se na Câmara Municipal de Itapetininga/SP a solenidade comemorativa da efeméride dos 70 anos do Dia da Vitória promovida pelo Portal dos Ex-Combatentes de Itapetininga.

Nesta solenidade, homenagens foram prestadas à memória e aos feitos dos trinta e dois pracinhas itapetininganos partícipes da Segunda Guerra Mundial, realizado o lançamento desta edição comemorativa de **Continência à Morte** (Regional, 2015) e promovida a outorga de condecorações e honrarias às seguintes entidades e personalidades:

## **Medalha Pracinha da Força Expedicionária Brasileira** (Portal dos Ex-Combatentes de Itapetininga/SP)

Pracinha Victório Nalesso  
Pracinha Argemiro de Toledo Filho

## **Medalha Heróis do Brasil** (Associação Nacional dos Veteranos da FEB - Seção SBC)

1º Tenente José Ribamar de Montello Furtado  
(In Memoriam)

**Exército Brasileiro**  
Tiro de Guerra 02-076 de Itapetininga/SP  
2º Tenente Edomar Wiedtheuper  
1º Sargento Cláudio Bento Garcia

**Polícia Militar do Estado de São Paulo**  
22º Batalhão da Polícia Militar do Interior  
1º Sargento PM Dante Orsi Neto

**Corpo de Bombeiros Militares do Estado de São Paulo**  
Capitão PM Paulo Monteiro Filho  
1º Tenente PM Adriano Augusto Freitas de Brito

### **Câmara Municipal de Itapetininga**

Vereadora Maria Lucia Lopes da Fonseca Haidar

### **Guarda Civil Municipal de Itapetininga**

Comandante Adules Cerejo Dias

### **Academia Itapetiningana de Letras**

Padre Mário Donato Sampaio

### **Instituto Hist. Geográfico e Genealógico de Itapetininga**

Jornalista Hélio Rubens de Arruda e Miranda

### **Museu da Imagem e Som de Itapetininga**

Dr. Roberto Soares Hungria

### **Folha de Itapetininga**

Jornalista Dirceu Campos

### **Associação de Jornalistas e Radialistas de Itapetininga**

Jornalista Silas Gehring Cardoso

### **Loja Maçônica Firmeza**

### **Gráfica Regional**

Carlos Scudeler

### **Portal dos Ex-Combatentes de Itapetininga**

Antonio Edison Camargo

Afrânio Franco de Oliveira Mello

Marcelo Antonio Ribeiro Camargo

Dr. Hiram Ayres Monteiro (In Memoriam)

Terezinha de Ribamar Furtado Camargo

### **Medalha M.M.D.C.**

(Sociedade Veteranos de 32 - MMDC)

Pracinha Higino Mendes de Andrade

(In Memoriam)

1° Tenente José Ribamar de Montello Furtado

(In Memoriam)

### **Diploma de Honra ao Mérito Expedicionário Itapetiningano**

Fabio Henrique Silveira

Marcos Antonio Gonçalves Scudeler

# Referências Bibliográficas

ALVES, F.F. **Garoa de Minha'alma**. Editora Nelpa. 2013.

BIAJONE, J, MELLO, A.F. de O., NOGUEIRA, E.J.V., CAMPOS, D. **Itapetininga: Heróis, Feitos e Instituições**. Regional, 2012.

CAMARGO, J. A. **Patriotas Paulistas na Coluna Sul**. Livraria Liberdade. 1925.

\_\_\_\_\_, J. A., **Patriotas Paulistas na Coluna Sul: Edição Digital Rememorativa dos Noventa Anos da Revolução de 1924**. Regional, 2015.

DEL PICCHIA, M. **A Longa Viagem**. 2ª Etapa da Revolução Modernista – a Revolução de 1930. Liv. Martins Ed. São Paulo. 1972.

LEONEL, M. de M. **1º Centenário de Nascimento do Presidente Dr. Júlio Prestes de Albuquerque**. Coletânea de artigos. Folha de Itapetininga, 1982.

MONTEIRO, H. A. **Livre terra de livre irmãos**. A saga de Itapetininga Republicana, de Venâncio Ayres a Júlio Prestes. Grill Gráfica Editora, 2009.

NOGUEIRA, E.P. **Heroísmo Desconhecido**. Regional. 1987.

\_\_\_\_\_, E.P., NOGUEIRA, E. J. V., MELLO, A. F. de O., BIAJONE, J. **Heroísmo Desconhecido: Edição Digital Rememorativa dos Noventa Anos da Revolução de 1924**. Regional, 2014.

NOGUEIRA, J. L. **Genealogia de uma cidade - Itapetininga**. Regional. Volume II. 2005.

TAMBELLI NETO, F., SOUZA FILHO, O. de. **Itapetininga antiga em fotos**. Create Editora, 2009.



CAMPANHA FEB



DIA DA VITÓRIA



FORNOVO DI TARO



MONTESE



MONTE CASTELLO



EMBARQUE



FEB  
FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA  
FEB

8



ANOS

HERÓIS SEMPRE  
LEMBRADOS

A COBRA ESTÁ FUMANDO...

